

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A. C. SIMÕES
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE DESIGN

BÁRBARA LÍVIA SANTOS FERREIRA

**BOSQUE EM DEFESA DA VIDA: DESIGN DE EMBALAGEM COMO PONTE
COMUNICACIONAL ENTRE INSTITUIÇÃO E FAMILIARES DAS VÍTIMAS
HOMENAGEADAS PELO PROJETO.**

Maceió, AL

2024

BÁRBARA LÍVIA SANTOS FERREIRA

**BOSQUE EM DEFESA DA VIDA: DESIGN DE EMBALAGEM COMO PONTE
COMUNICACIONAL ENTRE INSTITUIÇÃO E FAMILIARES DAS VÍTIMAS
HOMENAGEADAS PELO PROJETO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de DESIGN da Universidade Federal
de Alagoas, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharelado em Design.

Orientador: Profa. Dra. MARIANA HENNES
SAMPAIO LÔBO.

Maceió, AL
2024

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

- F383b Ferreira, Bárbara Livia Santos.
Bosque em defesa da vida : design de embalagem como ponte comunicacional entre instituição e familiares das vítimas homenageadas pelo projeto / Bárbara Livia Santos Ferreira. – 2024.
128 f. : il. color.
- Orientadora: Mariana Hennes Sampaio Lôbo.
Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Design) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2024.
- Bibliografia: f. 125-128.
1. Embalagens (Design). 2. Memória afetiva. 3. Memoriais. 4. Luto (Costumes). I. Título.

CDU: 7.05:393.7

Dedico este trabalho à minha amada avó, cujo carinho, afeto, dedicação e cuidado foram os alicerces que moldaram toda a minha existência. Com profunda gratidão, reconheço que ela foi minha guardiã, cuidando de mim ao longo de toda a minha vida. Este trabalho é uma homenagem singela à mulher que, com amor incondicional, tornou minha jornada possível. Obrigada, vó.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo de coração a minha querida professora e orientadora Mariana Hennes, eu realmente acredito que sua presença em meu caminho foi orquestrada pelo destino. Nas primeiras aulas, muito antes de sequer pensar no meu TCC, ela desempenhou o papel de mentora extraoficial, sendo a causa que me conduziu ao design de embalagens, que mais tarde se tornaria a área de conhecimento deste trabalho. “Mari”, expresso minha profunda gratidão por sua paciência, educação, apoio incansável e por tudo mais que tornou possível minha chegada até aqui. Sua influência foi, sem dúvida, um fator essencial para o sucesso deste trabalho. Você tem minha eterna gratidão.

À minha professora Juliana Donato, minha guardiã e protetora, um agradecimento especial. Desde o meu retorno à universidade, ela foi uma das primeiras e mais entusiasmadas crentes no meu potencial. Agradeço por cada vez que acreditou em mim, que me ajudou, por seus conselhos sábios e por todas as conversas divertidas que compartilhamos. “Ju”, você não apenas me guiou academicamente, mas também serviu como um exemplo inspirador de jornada de vida. E por este motivo, enxergo agora grandes planos de carreira dentro desta universidade que aprendi a amar. Além de fonte de inspiração, obrigado por ser mais do que uma professora, minha mãe acadêmica.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão à Professora Regina Coeli, que foi fundamental para a realização deste projeto. Sua disponibilidade e paciência foram inestimáveis ao longo de todo o processo, e sem sua dedicação e apoio, este trabalho não teria sido possível. Espero que este trabalho contribua de forma positiva para o projeto “Bosque em Defesa Vida” e desejo poder revê-la futuramente, em prol do mesmo.

Agradeço à minha prima-irmã Nathalia, que sempre me apoiou nas minhas decisões mais importantes e sempre torceu comigo pelo meu sucesso. As minhas

conquistas com certeza são suas, e vice e versa. Obrigada por estar comigo durante toda a vida e agora, sua presença é essencial na minha vida.

À minha amiga Bruna, expresso minha gratidão por seu incentivo constante e por sempre me lembrar do quanto sou capaz e inteligente. Suas palavras sempre são como um farol e sua amizade é um dos maiores tesouros. Obrigada por fazer parte de tudo isso.

Expresso minha profunda gratidão a todos que contribuíram para a realização deste trabalho. Cada palavra de apoio, gesto de incentivo e conselho valioso fez toda a diferença. Este é mais que um TCC, é o resultado de uma jornada coletiva, e por isso, agradeço a todos que tornaram possível este feito. Muito obrigada a todos.

“A possibilidade de realizarmos um sonho é o que torna a vida interessante”

(Paulo Coelho)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta o desenvolvimento de um artefato comunicacional, destinado às famílias dos homenageados no projeto Bosque em Defesa da Vida, em todas as suas etapas, a fim de fortalecer a conexão entre a Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e todos os familiares envolvidos no projeto. O desenvolvimento deste artefato é justificado pela necessidade de preencher uma lacuna emocional e informacional identificada no projeto realizado em 2011, dentro da universidade. As famílias dos homenageados, não tiveram acesso a recursos tangíveis que explicassem e instruissem de forma detalhada o projeto e suas etapas, até o momento do plantio. Este trabalho tem como objetivo geral desenvolver uma peça de design para o projeto Bosque em Defesa da Vida (UFAL), que comporte artefatos gráficos comunicacionais e objetos simbólicos relacionados ao ritual proposto pelo projeto supracitado, levando em conta tanto funções primárias do design de embalagem (proteção, transporte e armazenamento) quanto funções simbólicas e comunicacionais, inerentes ao design da informação, de modo que essa peça funcione como ponte entre a instituição (UFAL) e as famílias das vítimas. O desenvolvimento do artefato transcende o âmbito acadêmico, e é uma resposta sensível e criativa às necessidades identificadas no projeto Bosque em Defesa da Vida, representando uma contribuição significativa para a sociedade ao proporcionar um suporte simbólico e terapêutico que visa preencher lacunas existentes e fortalecer os laços entre os familiares e o espaço memorial, reafirmando, assim, a relevância e impacto positivo deste trabalho, intitulado como "Tributo a Vida" na vida das pessoas.

Palavras-chave: Design de Embalagem; Memória Afetiva; Memorial; Ritual de Luto.

ABSTRACT

This final project presents the development of a communication artifact, intended for the families of those honored in the Bosque em Defesa da Vida project, in all its stages, in order to strengthen the connection between the Federal University of Alagoas (UFAL) and all family members involved in the project. The development of this artifact is justified by the need to fill an emotional and informational gap identified in the project carried out in 2011, within the university. The families of those honored did not have access to tangible resources that explained and instructed in detail the project and its stages, until the moment of planting. This work has the general objective of developing a design piece for the Bosque em Defesa da Vida project (UFAL), which includes graphic communication artifacts and symbolic objects related to the ritual proposed by the aforementioned project, taking into account both primary functions of packaging design (protection, transportation and storage) and symbolic and communicational functions, inherent to information design, so that this piece functions as a bridge between the institution (UFAL) and the families of the victims. The development of the artifact transcends the academic scope, and is a sensitive and creative response to the needs identified in the Bosque em Defesa da Vida project, representing a significant contribution to society by providing symbolic and therapeutic support that aims to fill existing gaps and strengthen ties between family members and the memorial space, thus reaffirming the relevance and positive impact of this work, entitled "Tribute to Life" in people's lives.

Keywords: Packaging Design; Affective Memory; Memorial; Mourning Ritual.

SUMÁRIO

1		
INTRODUÇÃO		14
2		
O PROJETO BOSQUE EM DEFESA DA VIDA DA UFAL		21
2.1		
RITUAIS FÚNEBRES AO LONGO DA HISTÓRIA E A IMPORTÂNCIA DESTES NA RESOLUÇÃO DO LUTO		21
2.1.1	A INFLUÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE NO PROCESSO DE LUTO E SEUS ASPECTOS SIMBÓLICOS E AFETIVOS	32
2.2.		
O SURGIMENTO DO PROJETO BOSQUE EM DEFESA DA VIDA E O CONTEXTO SOCIAL LOCAL		41
3		
DESIGN DE EMBALAGEM:		
ASPECTOS SIMBÓLICOS E PRÁTICOS INERENTES A ESTE CAMPO PROJETUAL		48
3.1		
HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DAS EMBALAGENS		48
3.2		
IMPORTÂNCIA E FUNÇÕES DAS EMBALAGENS		51
3.3		
MATERIAIS E PROCESSOS USADOS NO DESENVOLVIMENTO DO ARTEFATO		54
3.3.1	PLÁSTICO	
3.3.2	PAPEL	58
3.3.3	VIDRO	62
		67
3.4	EMBALAGENS PARA ARTEFATOS DE VALOR SIMBÓLICO: ANÁLISE DE SIMILARES	71
4		
METODOLOGIA		76
5		
APRESENTAÇÕES DE RESULTADOS		80

6		
CONSIDERAÇÕES FINAIS		122
7		
REFERÊNCIAS		124

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da vida, os seres humanos vivenciam uma série de acontecimentos que determinam suas experiências pessoais e as relações que constroem com as pessoas ao seu redor. Assim, recorrentemente, áreas de estudo no campo da antropologia, sociologia e psicologia, classificam o Homem como ser ritualístico, que se utiliza de ritos para marcar fatos vividos ao longo da de sua existência, incluindo a morte de entes queridos. Nesses casos, os rituais contribuem para que estes acontecimentos recebam a consideração necessária, ajudando as pessoas a lidarem com os sentimentos que surgem com essa perda.

Embora se saiba que a perda de um ente querido é uma experiência universal, a capacidade de lidar com esse luto pode variar significativamente de pessoa para pessoa, considerando, além de fatores individuais, os aspectos socioculturais comuns a diferentes localidades e comunidades. No entanto, algumas questões relacionadas ao próprio contexto da perda podem tornar o processo do luto ainda mais difícil e doloroso, para a maioria das culturas contemporâneas, influenciando a forma como a pessoa vai vivenciar o luto.

Uma dessas questões diz respeito aos casos em que o ente querido morre em decorrência de um ato de violência, quando, além da dor pela perda em si, os enlutados ainda precisam lidar com outros sentimentos e emoções negativas, como raiva, mágoa, revolta e impotência diante do ocorrido. Esses eventos não apenas interrompem abruptamente o ciclo natural da vida de quem partiu, mas também geram um profundo impacto emocional e social nas pessoas próximas e na comunidade em geral.

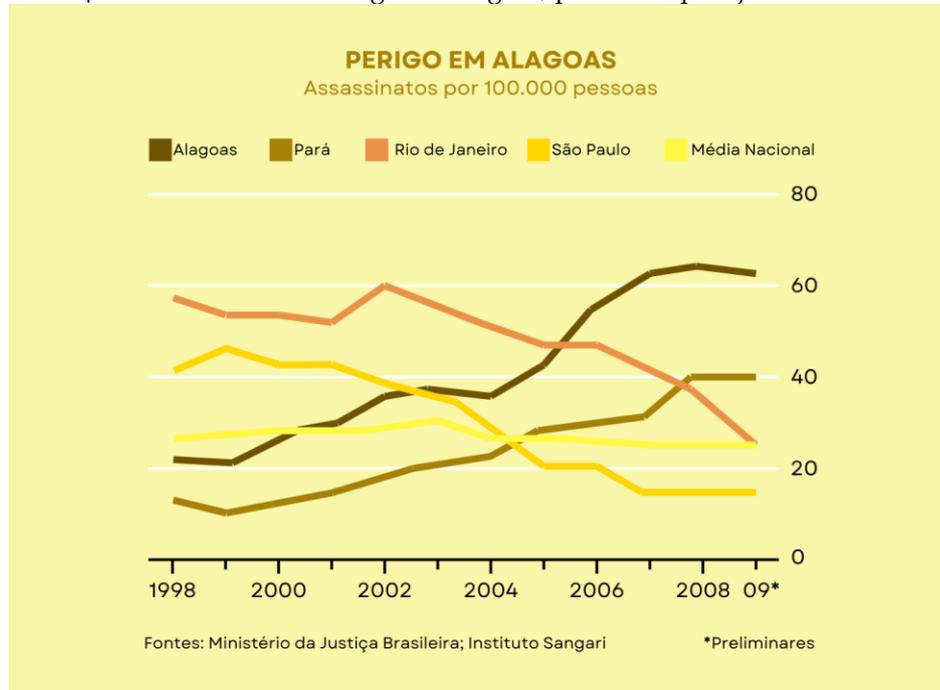
Embora os atos de violência entre as pessoas façam parte de uma dolorosa realidade recorrente na História, afetando inúmeros indivíduos e suas famílias em todo o mundo, a **violência urbana** nas grandes cidades pode ser compreendida, nesse contexto, como um fenômeno complexo e multifacetado que tem impactos profundos

nas comunidades do século XXI. De forma particular, a violência urbana atravessa questões sociais contemporâneas que contribuem para o seu crescente aumento, como a desigualdade social, falta de acesso a serviços básicos, atos de discriminação e exclusão etc. Diante desse cenário, é possível situar o *locus* da presente pesquisa, apresentando-se a realidade que motivou a criação do projeto Bosque em Defesa da Vida, na cidade de Maceió, capital de Alagoas. Maceió, assim como muitas outras metrópoles brasileiras, atravessava, nos anos 2000, desafios significativos relacionados à violência urbana, levando a Universidade Federal de Alagoas a direcionar ações institucionais relacionadas ao tema.

Assim, foi nesse contexto que, no ano de 2011, o projeto Bosque em Defesa da Vida foi criado pela pró-reitoria Estudantil (Proex) – órgão que tem, por finalidade, planejar e coordenar políticas de extensão e atividades artístico-culturais desenvolvidas sob a forma de programas, ações, cursos e serviços especiais na universidade – sendo desenvolvido interdisciplinarmente em 2011-12 pelas professoras Elaine Pimentel (FDA), Ruth Vasconcelos (ICHICA) e coordenado pela professora Regina Coeli C. Marques (FAU) de 2015 até 2024. O projeto supracitado foi idealizado diante de um período marcado por uma situação crítica de violência na cidade, com altas estatísticas de criminalidade de diversas tipificações. Tal cenário ganhou notoriedade nacional e internacional, fazendo com que Maceió fosse reconhecida, pelo jornal inglês *The Economist*, a capital mais violenta do Brasil (THE ECONOMIST, 2011). Segundo a publicação feita em junho de 2011, Maceió apresentava uma conjuntura social marcada pela desigualdade social e econômica, com grande número de pessoas em situação de pobreza extrema. Além disso, a matéria ressalta que a violência local se estendia por todas as camadas sociais, com casos de violência em que se utilizavam “punhos e facas” pelas pessoas mais vulneráveis e uso de assassinos contratados pelas pessoas do alto escalão social, econômico e político da região. Conforme demonstrado no Gráfico 1, a situação de violência no estado de Alagoas ultrapassou a de outras localidades populosas, como os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, com a apresentação de Alagoas como o estado que tinha o maior número de assassinatos do país (60 a cada 100 mil habitantes), e sua capital, Maceió,

como a mais violenta, tendo 107 assassinatos por 100 mil habitantes, segundo informações do Ministério da Justiça Brasileiro e Instituto Sangari.

Gráfico 1 | Gráfico intitulado Danger in Alagoas, publicado pelo jornal The Economist.



Fonte: (AUTORA, 2024) - adaptado (THE ECONOMIST, 2011).

Esse cenário de violência impactou diretamente na vida dos cidadãos locais, fazendo com que estes, movidos por uma mistura de luto, indignação e a busca por justiça, sentirem a necessidade premente de expressar suas dores e reivindicações diante da comunidade. Essa resposta coletiva se manifestou em formatos efêmeros que buscavam chamar a atenção da sociedade e das autoridades para a gravidade da situação. Muitos desses eventos aconteciam dentro da universidade, e porventura coincidiram com a realização do 11º ATO do Programa UFAL EM DEFESA DA VIDA¹, culminando na concepção permanente do projeto “Bosque em Defesa da Vida” (Figura 1).

¹ Programa desenvolvido pela Pró-reitoria Estudantil (Proest) com o objetivo de estimular e fomentar atividades políticas, sociais, culturais, artísticas, científicas e acadêmicas em torno dos temas Violência, Segurança Pública e Direitos humanos.

Figura 1 | Instalação de um bosque no Campus A. C. Simões.



Fonte: (NOTÍCIAS UFAL, 2012).

Essa iniciativa, sem fins lucrativos, visou criar um espaço verde dentro da universidade como um tributo às vítimas da violência no estado, ao mesmo tempo em que convocava a comunidade a participar do ato, expressando afeto e solidariedade em uma manifestação conjunta. Diante dessa proposta, familiares de vítimas que se enquadravam no contexto do projeto puderam procurar o grupo responsável pelo gerenciamento das ações institucionais do Bosque, com o intuito de se inscreverem para participar da cerimônia de inauguração do espaço. Assim, a participação da comunidade se concretizaria, no projeto, através da plantação de uma muda de árvore, em homenagem aos entes queridos que faleceram (ou em alguns casos, foram dados como mortos, por serem vítimas de desaparecimento sem rastros, após longo período).

Em entrevista informal concedida na fase de coleta de dados da presente pesquisa, as coordenadoras do projeto relataram que, na ocasião da inauguração do Bosque em Defesa da Vida, os familiares participantes alegaram que a importância do projeto foi além da necessidade de expressar solidariedade de maneira coletiva em prol do rompimento do ciclo de tragédias ou ressaltar a urgência de medidas efetivas por parte das autoridades. Para eles, a participação no projeto tinha, também, uma demanda individual de valor afetivo: tratava-se de uma oportunidade dada àqueles familiares, de se despedir formalmente de seus entes falecidos. Tal oportunidade foi

reconhecida diante de variadas situações de famílias que disseram não ter tido a chance de expressar suas condolências ao ente querido por meio de um ritual de passagem, em decorrência, em muitos casos, da forma trágica como ocorreu a sua morte, como vítimas de desaparecimento sem rastros e sem registro de óbito (casos de pessoas desaparecidas e presumidas mortas, ou sujeitos não localizados após eventos fatais). Embora o projeto tenha suscitado resultados positivos, diante das expectativas previstas inicialmente, o espaço do Bosque vem enfrentando problemas de manutenção e conservação, que foram agravados após o período da Pandemia pela Covid-19 (2020-2022).

Ao longo dos anos, desde a inauguração do espaço com o plantio das mudas, a área verde que faz parte do espaço institucional da Universidade e que deveria representar um tributo às vítimas, não vem recebendo devida atenção, tendo sua conservação negligenciada, transformando-se em um terreno sem identificação, tomado pelo matagal. Apesar dos esforços da docência e do grupo acadêmico estudantil em buscar implementar projetos de manutenção, pouco progresso foi feito. Os familiares, que buscavam conforto ao visitar o local para prestar homenagens aos entes queridos, foram privados desse direito devido à falta de cuidado. Este episódio reflete não apenas o descaso com os cuidados inerentes a um espaço público (que poderia servir como local de convivência entre a população da UFAL), mas também o descaso com o compromisso firmado entre a universidade e as famílias participantes, que evocaram as suas memórias nesse espaço. Já isso pode ser constatado pelo fato de que, em cada árvore, há não apenas a identificação da pessoa homenageada, mas também, simbolicamente, há a representação de sentimentos como solidariedade e esperança para a comunidade de forma geral. Tomando o Design como área de conhecimento capaz de atuar em diferentes frentes em prol de projetos similares ao Bosque em Defesa da Vida (por meio do desenvolvimento de projeto de Identidade Visual, projeto de sinalização, projeto de equipamentos urbanos etc.), neste estudo são abordados os significados e funções dos rituais fúnebres como benignos para a elaboração da perda por morte de um ente querido. Sustenta-se que o caráter expressivo dos rituais possibilita descrever o que não se consegue expressar em

palavras, favorecendo o processo de luto e desempenhando importante função de maturação social e psicológica diante da perda. Assim, encontramos no design de embalagem um caminho interessante e acessível (do ponto de vista econômico e produtivo) para contribuir com a retomada do interesse dos órgãos competentes da UFAL pelo projeto, preenchendo também uma lacuna existente no diálogo entre a instituição e as famílias das vítimas, desde sua ação inicial.

Nesse sentido, o presente trabalho de conclusão de curso justifica-se pela necessidade de complementar o ritual existente com a criação um produto que vá além do escopo tradicional e da solução funcional do design de embalagens, oferecendo, por meio de um artefato comunicacional institucional, um momento de acolhimento, exaltação da memória do falecido, e preparação das famílias para o ritual de plantio de novas árvores no Bosque, com instruções sobre o evento e sua participação efetiva. A proposta é que o produto desenvolvido não apenas facilite a comunicação entre a UFAL e a comunidade (especificamente, as famílias interessadas em participar da continuação do projeto), mas que atue como uma ferramenta de apoio durante todas as etapas do processo ritualístico, buscando fortalecer a conexão entre os familiares e o espaço memorial, facilitando a expressão de afetos e o processo de cura. Para isso, utilizamos os fundamentos do design de embalagem e do design da informação, considerando seus aspectos de ordem prática e simbólica, conforme descrito no objetivo geral e objetivos específicos, a seguir:

- **Objetivo geral:**

Desenvolver uma peça de design para o projeto Bosque em Defesa da Vida (UFAL), que comporte tanto artefatos gráficos, quanto simbólicos de modo que essa peça funcione como ponte entre a instituição (UFAL) e as famílias das vítimas.

- **Objetivos Específicos:**

- Investigar as circunstâncias da idealização, criação, desenvolvimento e implementação do projeto Bosque em Defesa da Vida;
- Investigar os aspectos simbólicos e afetivos relacionados aos rituais de luto,

na cultura Alagoana, mapeando elementos tangíveis e intangíveis observados nesse processo;

- Analisar projetos de design similares, seus elementos de linguagem gráfica e os materiais e processos de design empregados;
- Articular os fundamentos do design de embalagem ao design da informação.

Para que tais objetivos fossem alcançados, este trabalho de conclusão de curso apresentou uma revisão bibliográfica que articulou os seus temas de maior interesse: os rituais que fazem parte do processo de luto (com enfoque na proposta do projeto *Bosque em Defesa da Vida*, analisado aqui como nosso objeto de estudo); e o design como ferramenta comunicacional, capaz de gerar artefatos que desempenhem funções práticas (de comunicação, contenção, transporte etc.) e simbólicas (acolhendo os usuários em situações de vulnerabilidade emocional, contribuindo com o processo de luto e preservação da memória afetiva do ente falecido). Assim, a pesquisa iniciou-se com uma base histórica sobre os rituais, explorando o comportamento humano ao longo das civilizações e destacando a evolução dos rituais de passagem, analisando também essas cerimônias na sociedade contemporânea.

Paralelamente, a investigação incorporou estudos sobre o luto na psicologia, visando entender as nuances emocionais e psicológicas envolvidas no processo de luto. A base bibliográfica se estendeu a dados e estatísticas relacionados à violência, contextualizando o cenário que muitas vezes motiva essas cerimônias. Por fim, o trabalho adotou uma abordagem qualitativa, incorporando entrevistas com pessoas cruciais como os idealizadores do projeto e familiares dos homenageados, oferecendo perspectivas pessoais e narrativas reais, permitindo uma compreensão mais sensível e humanizada da importância de rituais de passagem diante da perda trágica.

2. O PROJETO BOSQUE EM DEFESA DA VIDA

Sabe-se que os rituais fúnebres são muito importantes para a resolução do luto e para o processo de cura. Para Imber-Black (1998), esses rituais possuem as funções de marcar a perda de um dos membros da família; afirmar a vida como foi vivida pelo que morreu; facilitar a expressão do luto conforme os valores da cultura; falar sobre a morte e sobre a vida que continua expressando significados; apontar uma direção que faça sentido diante da perda e dar continuidade a vida daqueles que ficaram.

Nesse contexto, o projeto “Bosque em Defesa da Vida” transformou o espaço institucional da UFAL em um local com forte carga simbólica e de conteúdo afetivo, ressignificando a morte pelo simbolismo da vida contida em cada uma das 140 mudas plantadas representativas das vítimas. Assim, familiares e visitantes podem expressar afetos e saudades, garantindo que as vidas perdidas e ali homenageadas, não serão esquecidas. Nesta seção, serão abordados os aspectos tangíveis e intangíveis do processo de luto, tomando como objeto de estudo a proposta do projeto Bosque em Defesa da Vida, considerando aspectos relacionados à sua criação, implementação e prospecções futuras.

2.1 RITUAIS FÚNEBRES AO LONGO DA HISTÓRIA E A SUA IMPORTÂNCIA NA RESOLUÇÃO DO LUTO

Ao longo dos anos, áreas de estudo ligadas ao comportamento humano e sua vida em sociedade têm demonstrado que os rituais que fazem parte das vivências das pessoas, incluindo o ritual fúnebre, representam importantes mudanças, que precisam ser marcadas e pontuadas, e que os rituais de passagem tendem a ajudar a elaborar e simbolizar esses marcos. Podemos citar muitos desses rituais ao longo da história, por diversas civilizações, desde a pré-história até os dias atuais.

Arqueólogos e antropólogos, através de seus estudos, descobriram que o homem de Neanderthal já se preocupava com seus mortos. Segundo Morin (1997), ainda na pré-história, os mortos dos povos musterenses eram cobertos por pedras (Figura 2), principalmente sobre o rosto e a cabeça, tanto para proteger o cadáver dos

animais, quanto para evitar que retornassem ao mundo dos vivos. Mais tarde eram depositados alimentos e as armas do morto sobre a sepultura de pedras.

Figura 2 | Pilha de pedras sobre o túmulo de um indígena muesterense.



Fonte: (AUTORA, 2024).

Também durante a história medieval, os rituais de morte vikings envolviam a cremação do corpo falecido, que era colocado em um barco viking carregado com pertences do morto, como armas, ferramentas e até mesmo escravos e logo depois, ateado fogo (Figura 3).

Figura 3 | Barco viking encinerado durante um ritual funerário.



Fonte: (TODAS FUNERÁRIAS, 2023).

Os rituais funerários no Egito Antigo incluíam a mumificação, a decoração do corpo, o enterro com pertences e animais, cortejos (dependendo da posição social do

falecido), sarcófagos (que eram como "caixões" muitas vezes ricamente decorados) e tumbas (Figura 4).

Figura 4 | Tumba do sacerdote real da purificação, Wahtye. um empregado do rei Neferrirkare, que governou durante o Antigo Reino, na 5ª Dinastia.



Fonte: (ARQUEOLOGIA EGÍPCIA, 2018).

Esses rituais continuaram ao longo da evolução da sociedade, sendo reinterpretados de acordo com os valores culturais, religiosos e sociais de cada época e local. Entre eles, podemos citar os rituais hindus (Figura 5), onde a cremação destaca-se como um ato simbólico de libertação, representando a separação definitiva da alma do corpo físico e sua jornada espiritual em direção à reencarnação ou à libertação eterna, conforme os preceitos do hinduísmo. Já no México, a relação com a morte assume um caráter singular e comemorativo durante o *Día de los Muertos*. Nesse contexto, a morte é encarada como parte natural da vida, sendo celebrada com festividades vibrantes que incluem altares repletos de oferendas, panteões iluminados, ruas decoradas com a flor de calêndula, conhecida como a "flor dos mortos", além de comidas tradicionais, bebidas, música e representações artísticas como caveiras e catrinas (Figura 6). Esses exemplos refletem como diferentes culturas expressam, através de rituais, suas crenças e sentimentos diante da morte, resignificando-a como um momento de conexão, memória e homenagem aos que partiram.

Figura 5 | Cremações em Varanasi, às margens do Ganges, Índia.



Fonte: (UOL, 2024).

Figura 6 | Altar decorado para o *Día de los Muertos*, no México.



Fonte: (CORREIOBRAZILIENSE, 2016).

Existe um caráter simbólico muito forte na morte e nos rituais de luto, comuns às civilizações humanas, de modo geral. Desde a antiguidade, as comunidades culturais desenvolvidas ritualizam seus mortos e apresentavam reações semelhantes diante da perda por morte de um ente querido (SCHILINDWEIN, 2001). Há registros arqueológicos sobre práticas rituais fúnebres desde a Pré-História, sugerindo que a emergência da consciência coincidiu com a emergência de uma preocupação com relação à finitude, através do cuidado ritualizado para com entes queridos mortos (LEAKEY, 1997).

Segundo o professor Oswaldo Giacoia Junior (GIACOIA, 2005), a relação de cada civilização com a morte pode ser analisada pelas suas cerimônias e rituais fúnebres. O processo ritualístico da passagem da morte, ao longo da história e em diversas culturas e religiões, é um fenômeno complexo e multifacetado, e até as sociedades mais antigas, como o Antigo Egito por exemplo, tinham rituais elaborados para guiar os mortos ao além. Em contraste, culturas orientais, como o budismo, incorporam cerimônias como o "Bardo Thodol" tibetano para auxiliar na transição entre a morte e o renascimento. Na tradição cristã, o processo ritualístico é marcado por práticas como funerais e ritos de despedida, exploradas na obra "Os Ritos de Passagem" de Arnold van Gennep (2013). Além disso, as culturas indígenas, estudadas pelo antropólogo Victor Turner (TURNER, 1974), apresentam rituais que simbolizam a transformação da vida para a morte e vice-versa. Tais estudos apontam que as representações sociais da morte na sociedade contemporânea se constroem através dos eventos biológicos e psicossociais, e que, os fatores que interferem na construção destas representações é o cultural, especialmente, a religião, no qual formam-se as rupturas sociais.

Esses estudos revelam a diversidade e a universalidade dos rituais de passagem diante da morte, enriquecendo nossa compreensão sobre como as sociedades lidam com esse fenômeno ao longo dos tempos. No século XX, esses rituais eram marcados por cerimônias religiosas grandes e elaboradas, como funerais com procissões e ritos de sepultamento específicos. Além disso, o luto era frequentemente expresso de forma mais pública e coletiva, com períodos de luto formalmente reconhecidos. No entanto, nas últimas décadas, observa-se uma mudança na forma com que as novas gerações vêm lidando com esse processo, optando, muitas vezes, por rituais menos tradicionais. Nos dias de hoje, muitas pessoas preferem cerimônias de cremação em vez de sepultamento, e o luto é muitas vezes vivenciado de maneira mais individualizada, com as pessoas buscando apoio em grupos de luto ou terapia. Essas mudanças refletem uma evolução na forma como a sociedade ocidental lida com a morte e o luto,

incorporando novas perspectivas e abordagens mais centradas nas necessidades individuais de cada um.

Assim, as mudanças nas práticas funerárias incluem, além do aumento no número de cremações, uma crescente preocupação e esforço em se adotar práticas que tenham menor impacto ambiental durante os rituais de despedida e sepultamento de uma pessoa falecida.

Nesse contexto, começam a surgir novos conceitos e entendimentos para esses rituais, como os funerais sustentáveis, com uso de urnas e caixões biodegradáveis. Tais alternativas permitem a decomposição natural do corpo, sem a utilização de materiais nocivos ao solo, ou a realização de cerimônias que não gerem desperdício de recursos, evitando-se o corte de flores para a confecção das tradicionais coroas fúnebres.

A era digital também introduziu novas formas de lidar com a morte, com a possibilidade de criações de memoriais online, homenagens virtuais e até mesmo serviços de luto digital (COMCIÊNCIA, 2022). Todas essas novas formas de processar o luto fazem parte de uma realidade contemporânea intrínsecas às novas relações interpessoais, e têm se tornado cada vez mais populares devido à sua acessibilidade e à capacidade de conectar pessoas que estão passando por experiências similares, oferecendo um espaço de apoio e compreensão durante o processo de luto.

Nesse sentido, a tecnologia trouxe uma dimensão adicional à preservação da memória e ao compartilhamento de histórias, tornando a sociedade moderna mais aberta a discutir e enfrentar temas relacionados à morte, que eram muitas vezes tabus no passado. Além disso, observa-se uma maior aceitação e reconhecimento da importância do processo de luto.

Entre essas novidades começam a surgir opções de memoriais sustentáveis, no lugar dos cemitérios, com a escolha de áreas naturais preservadas para o

estabelecimento de um memorial, com o plantio de árvores que representem o ente falecido. Alves (2024) explica que faz parte da essência humana a necessidade de marcar o respeito a quem morreu, e explica que acontecimentos como a Pandemia que assolou o mundo no ano de 2020 implicou mudanças nas formas de se conceber os espaços e rituais fúnebres. Segundo Alves (2024) “os ritos que expressam esse respeito e os sentimentos ligados ao luto ganharam novas formas com a tecnologia e os hábitos criados na Pandemia.” (ALVES, 2024). De uma forma geral esse tipo de ritual torna o processo mais suave e agradável, pois o momento se torna um espaço para lembranças, e de reunião dos mais próximos, para afirmar que foi uma vida que valeu a pena ser vivida, como mostra a Figura 7:

Figura 7 | A família Rodrigues Silva no plantio da árvore com a cinzas de seu pai (ALVES, 2024).



Fonte: (ALVES, 2024).

Assim, apesar dessas novas formas que facilitam o processo de luto, os rituais e as memórias, o período entre 2020 e 2022 trouxe consigo uma situação difícil que desafiou essas práticas: a Pandemia do COVID-19. Com um número alarmante de mortes em todo o mundo e a gravidade do contágio, as pessoas se viram diante da impossibilidade de realizar rituais tradicionais de despedida. Na época, as restrições incluíam medidas rigorosas de isolamento para indivíduos infectados ou suspeitos de estarem infectados, bem como quarentenas para pessoas que tivessem entrado em contato próximo com casos confirmados. Além disso, era recomendado evitar aglomerações e manter o distanciamento físico, especialmente em locais públicos como

escolas, locais de trabalho e eventos sociais. O uso de máscaras faciais e a higienização frequente das mãos também eram medidas essenciais para prevenir a propagação do vírus.

Segundo o G1 (2021), partir de dados das secretarias estaduais de Saúde, em abril de 2021 o “País contabilizou 13.106.058 casos por Covid-19 desde o início da pandemia, segundo balanço do consórcio de veículos de imprensa. Foram 4.211 mortes pela doença registradas em 24 horas, um novo recorde” (G1, 2021). Diante do risco eminente de contaminação pelo Coronavírus, os órgãos competentes davam recomendações específicas quanto a realizações de enterros e cremações. Em caso de mortes pela COVID-19 ou sob suspeita da doença, não era permitida a participação de outras pessoas além do principal responsável por aquele então falecido. Assim, os familiares não conseguiam realizar uma despedida como gostariam ou de acordo com a sua tradição familiar e/ou religiosa.

Como consequência de tais decretos e restrições, foi necessário repensar alternativas que permitissem às pessoas se despedirem de seus entes queridos. Esse momento intensificou a busca por alternativas de rituais e simbolismos que proporcionassem conforto e conexão durante o luto, mesmo em meio à distância e considerando as adversidades do período da pandemia. Assim, foram adotados procedimentos alternativos como cerimônias e reuniões virtuais, publicações e murais de memórias nas redes sociais, realização de atividades simbólicas conjuntas e coordenadas, rodas de conversa e compartilhamento de memória entre os parentes, entre outras práticas.

Então, de maneira semelhante a situação passada pelos familiares dos homenageados no Bosque em Defesa da Vida, durante a Pandemia os familiares das pessoas que morriam vitimadas da doença em questão, também estavam bastante fragilizados, pois além de lidarem com a perda inesperada de seus entes queridos, também não puderam realizar os devidos rituais fúnebres, ou vivenciar o luto e suas etapas de maneira considerada normal. Nesse sentido, as famílias se viram diante de

uma realidade desafiadora, marcada por uma falta de encerramento emocional e social, intensificando ainda mais o sofrimento e a dor causados pela perda de seus entes queridos.

A partir dessa compreensão de que ao longo do ciclo de vida vivenciamos perdas por morte de entes queridos e de que é importante marcar estes acontecimentos, dando a eles a consideração necessária, é essencial abordar os significados e funções dos rituais fúnebres no processo de luto. Tais aspectos consideram sua importância na elaboração da perda por morte de pessoas significativas. Em algumas culturas, acredita-se que as intenções ritualísticas podem trazer boas influências aos vivos, conceder solicitações aos familiares que prestam a homenagem ou até mesmo garantir o bem-estar no além-vida da pessoa que partiu. Esses rituais consistem em momentos de comunicação familiar, com definição de questões não resolvidas, assim como de rememoração e de compartilhamento de bons momentos vividos, de pedidos de perdão e de agradecimentos (CREPALDI *et al.*, 2020).

Além disso, é comum notar que as pessoas que participam dessas cerimônias recorrem a diversos elementos simbólicos durante os rituais e/ou processos de luto, buscando conforto e conexão com a memória do ente querido. Esses elementos variam de cultura para cultura, e incluem a escolha cuidadosa de roupas para o falecido, objetos que representem sua identidade ou interesses pessoais, como um item que costumava estar sempre com ele, por exemplo. Fotografias de momentos compartilhados, cartas escritas como forma de despedida, velas que simbolizam a luz da memória, entre outros. Também é comum manter em casa um espaço dedicado à memória da pessoa que partiu, junto com flores, velas e imagens, a fim de honrar sua vida e manter viva sua presença. Esses gestos simbólicos desempenham um papel fundamental na elaboração do luto e na preservação do vínculo afetivo com quem partiu, diminuindo assim, a possibilidade de um luto complicado. O investimento e dedicação presentes nos rituais poderão amenizar possíveis sentimentos de culpa, sendo o ritual fúnebre necessário para a maturação psicológica e por ter atribuições relevantes, como ajudar o indivíduo a confrontar-se com a perda concreta,

possibilitando-lhe a manifestação pública de seu pesar, culminando, assim, nas fases iniciais do processo de luto. A não elaboração dos ritos de despedida, como o velório, as exéquias, as condolências e o luto público, social e psicológico, torna ainda mais doloroso a passagem por este momento, visto que os familiares podem considerar que o falecido não recebeu um final digno, ou mesmo, por não terem tido a oportunidade de serem confortados e de oferecer conforto às pessoas próximas, o que favorece a elaboração da perda e impossibilidade de seguir em frente.

A definição de “Processo de Luto” é bastante complexa pois, encarar a ausência de alguém que se tem afeto, quando se tem ciência de que este outro não retornará, é algo doloroso, gera sofrimento e é vivenciado de maneira única por cada pessoa, e após o rompimento desse vínculo, se faz necessário elaborar o luto que se compreende como um processo natural de resposta a um rompimento de vínculo mediante a perda de alguém ou de algo significativo na vida (FRANCO, 2010).

Tada e Kovács (2007), relatam que o indivíduo enlutado externaliza seu sofrimento a partir da vivência do luto e do compartilhamento dos seus sentimentos. Tal comportamento pode então auxiliar o indivíduo em seu enfrentamento ao luto, o que é muito importante pois a boa elaboração do luto irá interferir de maneira positiva em sua continuidade da vida e a sua não elaboração age de forma contrária, ou seja, mantém o sujeito preso a ideia, ilusória, de que a pessoa falecida poderá voltar de repente. Quando essa energia não é transferida facilmente, a pessoa enlutada torna-se hostil e deprimida, sendo identificados sintomas semelhantes à melancolia, como dor profunda, falta de interesse pelo mundo, perda da capacidade de amar e inibição geral da atividade, podendo ainda desencadear doenças, comportamentos criminosos, antissociais, de revolta e ideação suicida (FREUD, 2011).

De acordo com Engel (1961) citado por Worden (2013), o luto pode ser comparado ao processo de cicatrização de um ferimento. Baseado nesta visão pode-se dizer que a perda marca quebra de um vínculo e abre uma ferida emocional em quem permanece vivo. Desta forma é estritamente necessário que haja os devidos cuidados

para cicatrização dessas feridas, ou seja, é essencial que o indivíduo enlutado consiga vivenciar normalmente as diferentes fases do luto e lidar com o rompimento do vínculo desenvolvendo estratégias para dar continuidade a sua própria vida, desenvolvendo novos vínculos, relações e desempenhando novos papéis apesar da ausência do outro. Não existe uma maneira específica de se tratar o luto devido a subjetividade que o envolve e pelo fato de cada pessoa o vivenciar de maneira particular. O fato é que o luto precisa ser vivenciado, pois sua não elaboração poderá afetar não somente a pessoa que passou pela perda direta, mas também a seus familiares e demais membros de seu círculo relacional.

Freitas (2018), defende que a elaboração do luto pode ocorrer como luto normal (saudável) ou luto patológico (complicado). O luto considerado dentro dos parâmetros da normalidade está relacionado ao fato da pessoa enlutada conseguir ultrapassar o processo através da realização de diversas tarefas, distribuídas ao longo de um continuum, ou seja, numa primeira fase o sujeito experiencia sentimentos de choque, descrença e negação, a fase seguinte é marcada por um período de desconforto somático e emocional, assim como pela retirada social, e por fim, numa última fase, existe um período de reconstituição (Schuchter & Zisook, 1993, in Stroebe, Stroebe & Hansson, 1993). Se estas fases não são vivenciadas e ultrapassadas num determinado período, muitas vezes, poder-se-á estar na presença de um luto não adaptativo ou luto patológico. De acordo com Klein (1940, cit. por Middleton, Raphael, Martinek & Misso, 1993 in Stroebe, Stroebe & Hansson, 1993) as pessoas que sofrem de luto patológico nunca serão capazes de ultrapassar uma depressão infantil que lhes permita estabelecer uma boa relação com o mundo que as envolvem.

Nesta vertente as fases do luto não acontecem adequadamente dentro do tempo devido, como uma tentativa de adiar o luto, e o enlutado tende a isolar-se ou ter outros sintomas que seriam “normais” dentro do luto, mas que se apresentam de maneira distorcida. Segundo Horowitz (1980, cit. por Worden, 1983), o luto patológico está mais relacionado com a intensidade e duração das reações do que propriamente com a simples presença ou ausência de um comportamento específico. Portanto, pode-

se dizer que o luto saudável tem seu fim, a partir do momento em que o sujeito enlutado retoma seu equilíbrio psicológico e social. Já o luto patológico pode ser definido como a “intensificação do luto a um nível em que a pessoa se encontra destroçada, originando um comportamento não adaptativo face à perda, permanecendo interminavelmente numa única fase, impedindo a sua progressão com vista à finalização do processo de luto” (Horowitz, 1980, cit. por Worden, 1983).

2.1.1 A INFLUÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE NO PROCESSO DE LUTO E SEUS ASPECTOS SIMBÓLICOS E AFETIVOS

Em determinados momentos da vida, é natural que as pessoas busquem refúgio em suas crenças e espiritualidade, especialmente diante de experiências de perda e luto. Quando se deparam com a perda de alguém querido, as pessoas frequentemente se voltam para o âmbito espiritual em busca de um novo sentido, conforto e apoio. Essa busca pode ser motivada por uma variedade de razões, desde a necessidade de encontrar consolo em uma fé que ofereça respostas para o inexplicável, até o desejo de se conectar com uma energia superior que transcende a dor da perda. Nesses momentos de fragilidade emocional, a espiritualidade muitas vezes se torna um aspecto essencial no caminho rumo à aceitação e à cura, durante o processo de luto.

Segundo Kovács (2007) a espiritualidade é a possibilidade de o Homem viver em sentido de transcendência, como a busca pela compreensão do sentido da vida pois “A espiritualidade é, também, uma busca humana em direção a um sentido, com uma dimensão transcendente. Envolve a tentativa de compreensão de uma força superior que pode estar ligada a uma figura divina ou força superior. Traz um sentido de pertença maior do que o âmbito individual.” (KOVÁCS, 2007, p. 246). Para Boff (2013) a espiritualidade tem sua própria força de cura. Significa o fortalecimento das energias próprias da dimensão espiritual, tão importantes quanto a inteligência, a libido, o poder e o afeto, entre outros aspectos humanos.

Na origem etimológica da palavra, espírito deriva do vocábulo latino *spiritus*, estando relacionado ao verbo *spirāre*, que implica a ação de soprar, estando associado

a sopro de vida. Nesse contexto, a espiritualidade está relacionada a algo inerente ao ser humano, que se manifesta independentemente da religiosidade ou da religião, uma experiência profunda que desempenha um papel importante ao transcender os sofrimentos, atribuindo sentidos à existência humana. Dessa forma, o ser humano vai encontrando novas maneiras de enfrentar as dificuldades e perdas, as quais perpassam também pelas crenças religiosas.

A religião desempenha um papel fundamental como uma instituição social que orienta os rituais espirituais e conhecimentos ligados à morte. Ela atribui a Deuses ou a forças ocultas não apenas a causa da perda, mas também, por vezes, a esperança de superar essa experiência. Ainda para Kovács (2007) são os conjuntos interligados de crenças e convicções, baseados em tradições que englobam símbolos, ritos e cerimônias, que moldam a maneira em que o indivíduo interpreta os fenômenos da vida e da morte, e lida com as questões existenciais e espirituais. Por meio dessas configurações, as diferentes religiões buscam oferecer conforto e orientação diante das incertezas e desafios inerentes à condição humana.

Esse pensamento nos faz compreender que a espiritualidade está diretamente ligada a religiosidade, por envolver um sistema de crenças e símbolos associadas a certas religiões. Para Luz; Luz e Anacleto (2015) embora algumas pessoas desenvolvam sua espiritualidade de maneira individual, sem estar vinculada a uma religião organizada, preponderantemente as pessoas encontram expressões espirituais em contextos religiosos desde os primórdios da sociedade:

Nossa sociedade não pode ignorar o peso do fenômeno religioso na sua formação social e humana, pois as mais diferentes e remotas culturas desenvolveram uma maneira de lidar com aquilo que ultrapassa seus limites de compreensão e também em relação a fatos comuns à vida na Terra, por exemplo, a morte (LUZ; LUZ; ANACLETO, 2015, p. 139).

Luz; Luz e Anacleto (2015) explicam que ao considerar qualquer cultura, é essencial levar em conta os aspectos religiosos que permeiam as populações humanas ao longo do tempo e do espaço. Para os autores, (LUZ; LUZ; ANACLETO, 2015) a religiosidade não é um fenômeno restrito a um determinado espaço geográfico ou

povo em particular, pois os seres humanos como um todo desenvolveram meios de lidar com alguns acontecimentos sociais e pessoais por meio do que chamamos de religião.

Através dessas afirmações podemos observar que o fenômeno religioso é abrangente, exercendo influência em diversas esferas da vida humana e na organização social. Sob essa mesma perspectiva, e no contexto do estado de Alagoas, onde o projeto Bosque em Defesa da Vida está localizado, é relevante observar e entender como as principais religiões presentes no estado abordam temas relacionados à vida e a morte, e como essas crenças e práticas religiosas exercem influência significativa na vida dos residentes alagoanos. Segundo dados do IBGE (2010) coletados há 14 anos, religiões como o Catolicismo, o Evangelismo, o Espiritismo e religiões de matriz africana tinham presença expressiva na região alagoana, cada uma com suas próprias visões sobre questões espirituais, simbologias e rituais de passagem (Tabela 1).

Tabela 1 | Tabela intitulada População Residente por Religião, gerada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que apresenta as religiões predominantes do estado alagoano, segundo dados do Censo Demográfico do ano de 2010.

TABELA 137 - População residente, por religião								
Variável - População residente (Pessoas)								
Unidade da Federação - Alagoas								
Ano - 2010								
Religião								
Católica Apostólica Romana	Evangélicas	Espirita	Umbanda e Candomblé	Judaísmo	Hinduismo	Religiões Orientais	Islâmica	Outras Religiosidades
2.256.919	496.472	17.066	2.397	309	-	-	-	-
Fonte: IBGE - Censo Demográfico								

Fonte: (AUTORA, 2024) - adaptado (IBGE, 2010).

Essa diversidade religiosa contribui para a riqueza cultural e espiritual de Alagoas, refletindo-se também na forma como a sociedade local lida com aspectos relacionados à vida, à morte e ao luto. Diante disso é importante destacar os principais aspectos dessas matrizes religiosas, pois cada uma dessas tradições religiosas possui suas próprias crenças, expressões e procedimentos relacionados à morte, além de

simbologias e artefatos distintos que desempenham papéis significativos em seus rituais e práticas espirituais.

Por exemplo, no Catolicismo, símbolos como velas, flores e carta de condolências são fundamentais e aparecem em quase todas as cerimônias religiosas do estado, representando respectivamente a luz e a fé, essenciais no processo de luto e na busca de conforto espiritual; paz e tranquilidade, auxiliando a amenizar a dor dos familiares e, palavras e mensagens de consolo ajudando os familiares a manterem uma conexão e uma lembrança positiva e alegre, com os seus entes queridos. Já nas religiões de matriz africana, objetos como adornos, colares de contas e ervas sagradas têm um profundo significado, representando proteção e a presença espiritual dos ancestrais.

O Catolicismo é a religião majoritária em Alagoas, e suas crenças em relação à morte estão enraizadas na doutrina da ressurreição e do juízo final. Durante os velórios católicos, são realizadas orações, missas e rituais como a encomendação do corpo, onde o sacerdote abençoa o falecido e pede pela sua alma. Conforme mostra a Figura 8, cruzes, velas, terços, flores, orações, condolências e imagens religiosas são comuns nesses rituais, simbolizando a fé e a esperança na vida após a morte.

Figura 8 | Um padre católico celebra um momento de despedida dentro da igreja. Velas, flores, imagens sacras e cruzes ao fundo compõem o cenário, oferecendo conforto e reflexão durante o velório.



Fonte: (ALAMY, 2016).

O Evangelismo, representado por diversas denominações presentes no estado, tem perspectivas variadas sobre a morte, mas geralmente enfatiza a salvação e vida

eterna pela fé em Jesus Cristo. Como mostra a Figura 9, os velórios evangélicos podem incluir cânticos, pregações, condolências, leituras da Bíblia, com ênfase na consolação espiritual e na celebração da vida eterna. Bíblias, flores e velas são elementos comuns nesses rituais.

Figura 9 | O velório de um pastor da igreja batista, no Espírito Santo. Pessoas lideram as homenagens e cânticos, enquanto flores adornam o ambiente.



Fonte: (ALAMY, 2016).

O Espiritismo, com suas raízes no Kardecismo, acredita na continuidade da vida após a morte e na reencarnação. Durante os velórios espíritas, são realizadas preces, passes e a doutrinação a fim de confortar os enlutados, além de leituras de mensagens psicografadas, buscando conforto espiritual e comunicação com os espíritos. Vestes brancas, imagens de espíritos ilustres são utilizadas como símbolos de luz e evolução espiritual (Figura 10).

Figura 10 | O velório de um integrante espírita. A cerimônia é marcada por preces e homenagens.



Fonte: (MENSAGEM ESPÍRITA, 2017).

A Umbanda e o Candomblé, religiões de matriz africana, têm visões complexas sobre a morte, incorporando elementos ancestrais e rituais de culto aos orixás. Nos velórios umbandistas e candomblecistas, podem ocorrer cânticos, danças, oferendas e rezas, com o objetivo de honrar os ancestrais e facilitar a passagem da alma para o mundo espiritual. Assim, elementos como colares, alimentos sagrados, velas e imagens dos orixás são utilizados para estabelecer conexões com o divino e com os antepassados (Figura 11 e Figura 12).

Figura 11 | Ritual de despedida do Babalorixá Bitá do Barão, em Codó. O “Tambor de Choro” é um tipo de obrigação que faz parte da tradição umbandista, e só é feita por ocasião da morte dos sacerdotes dirigentes de cultos dessa religião de matriz africana.



Fonte: (MARCO SILVA, 2019).

Figura 12 | Os rituais de passagem de Mãe Stella de Oxóssi, em Salvador



Fonte: (JORNAL CORREIO, 2018).

Diante dessas expressões religiosas presentes em Alagoas e suas diferentes perspectivas sobre a morte, é interessante observar mais detalhadamente também as simbologias que acompanham esses rituais. As práticas religiosas, como o Catolicismo, Evangelismo, Espiritismo, Umbanda e Candomblé, trazem consigo uma riqueza de símbolos e artefatos que refletem suas crenças e valores, enriquecendo os rituais de despedida e transcendência. As relações dos indivíduos com os seus deuses são múltiplas. Porém, as formas de se relacionar com esses deuses, em geral, são mediadas por diversos símbolos, que funcionam como pontes de ligação entre o transcendente e o imanente. Por isso, é de fundamental importância compreendê-los

Segundo Bordonal; Sanches; Silva e Fabricio (2014) existem alguns parâmetros básicos usados para sabermos se uma prática faz parte ou não de uma religião, e dentre esses critérios é citado que “toda religião possui uma simbologia capaz de religar o finito ao infinito.” (BORDONAL; SANCHES; SILVA; FABRICIO, 2014, p. 27). Ainda conforme os autores, os principais ritos que simbolizam as passagens de distintas fases da existência, são vinculados a símbolos religiosos nos quais a existência humana é pensada como um elo divino.

Considerando o caráter simbólico desses artefatos que acompanham esses ritos, especialmente nos ritos de passagem ligados à morte, para Cardoso (2017) é fundamental compreender que o design pode se inserir nesse contexto de diversas formas, e por meio de conceituações cuidadosas, o design cria artefatos que incorporam e potencializam esses símbolos sagrados, os quais são inerentes ao ser humano. Essa intersecção entre o design e as expressões culturais revela-se como um caminho-chave para compreender e fortalecer as relações simbólicas presentes nos rituais religiosos. (CARDOSO, 2017)

Ao criar artefatos que remetam expressões a religiosas, pessoas, acontecimentos e memórias individuais que reflitam a visão de mundo dos usuários, o design desempenha um papel fundamental na expressão cultural e na comunicação de significados profundos. Esses entendimentos sobre as questões simbólicas das culturas

dialogam com o trabalho do designer, que precisa não apenas compreender sua própria cultura, mas também adentrar no universo cultural de outras pessoas a fim de produzir artefatos significativos e relevantes para esses usuários

Nesse sentido, ao desenvolver um artefato afetivo para o projeto do Bosque em Defesa da Vida (UFAL), é imprescindível analisar os símbolos que emergem das principais religiões do estado como citadas anteriormente. Para realizar essa análise, foi criada uma tabela (Tabela 2) para identificar a recorrência desses símbolos nessas diferentes vertentes religiosas, possibilitando uma visão abrangente dos elementos simbólicos presentes em cada uma das religiões estudadas. A partir dessa análise comparativa, foi possível definir quais dessas expressões simbólicas poderiam ser incorporadas ao artefato em questão, levando em consideração sua relevância cultural, seu significado e sua capacidade de acolhimento e humanização do principal público-alvo.

Tabela 2 | Tabela para a análise de recorrência dos símbolos nas religiões.

TABELA PARA ANÁLISE DE RECORRÊNCIA DOS SÍMBOLOS RELIGIOSOS PRESENTES NOS RITUAIS FÚNEBRES DAS PRINCIPAIS RELIGIÕES ALAGOANAS						
RELIGIÕES SÍMBOLOS	CATOLICISMO	EVANGELISMO	ESPIRITISMO	UMBANDA	CANDOMBLÉ	RESULTADO
VELA	×	×		×	×	4 ×
BÍBLIA	×	×				2 ×
FLORES	×	×		×	×	4 ×
CRUZ	×					1 ×
CARTA DE CONDOLÊNCIAS	×	×	×	×	×	5 ×
ADEREÇOS E ADORNOS PESSOAIS			×	×	×	3 ×
IMAGENS RELIGIOSAS	×			×	×	3 ×

Fonte: (AUTORA, 2024).

Com base nos resultados da análise, observamos que as velas, as flores e as cartas de condolências são os símbolos que mais frequentemente aparecem em todas

as religiões estudadas. Diante dessa constatação, sugere-se que esses elementos estejam presentes no artefato final, considerando que ele será recebido por uma comunidade diversificada em termos de religiosidade, ou seja, os familiares das vítimas. Essa inclusão visa contemplar e respeitar as diferentes práticas e crenças religiosas presentes na comunidade, garantindo que o artefato seja significativo e reconfortante para todos os envolvidos.

Além dessas simbologias de caráter religioso, é importante considerar também os símbolos de caráter pessoais que cada indivíduo utiliza para expressar seu luto de forma única e própria, e que de certa forma, desempenham também um papel significativo no processo de luto de cada indivíduo. De forma geral, esses símbolos podem variar amplamente e refletem as experiências e significados atribuídos à pessoa que partiu. Algumas pessoas optam por manter fotografias em locais especiais de suas casas como forma de manter viva a memória do ente querido, criando espaços de memória e homenagem.

Outros escolhem eternizar a lembrança através de tatuagens, que podem retratar símbolos ou frases significativas que representam o amor e a conexão com a pessoa que se foi. Segundo Menezes (2021), as tatuagens são uma forma de ritualizar o luto em tempos atuais:

“O luto é perder alguém perdendo um pedaço de si. A definição é da doutora em psicologia social Miriam Pinho, que estuda a função e o significado de tatuagens no processo de luto. Especialmente em tempos de enterros em massa e despedidas abortadas é comum que as pessoas busquem maneiras diferentes de externar o sofrimento. Gravar na pele uma imagem ou palavra para eternizar alguém amado que partiu é uma das maneiras cada vez mais usadas com esse intuito (MENEZES, 2021).

Ademais, há aqueles que usam adereços como pingentes ou colares que remetem à pessoa falecida ou até da própria pessoa, carregando consigo um pedaço de sua presença, proporcionando uma sensação de proximidade. Além disso, guardar uma peça de roupa com o perfume do ente querido torna-se uma maneira tangível de manter viva a sua presença. Esses símbolos pessoais são importantes ferramentas de

conforto e conexão para os enlutados, proporcionando um meio de expressar e honrar o vínculo emocional com aqueles que já partiram.

2.2 O SURGIMENTO DO PROJETO BOSQUE EM DESESA DA VIDA E O CONTEXTO SOCIAL LOCAL

A história da evolução da violência no Brasil ao longo das décadas é marcada por uma teia complexa de fatores sociais, econômicos e políticos. Precisamente nas décadas de 1980 e 1990, o país enfrentou crescimento acelerado das taxas de homicídios, registrando “a segunda maior taxa de mortalidade por agressão do mundo, estando atrás apenas da Colômbia, nação mergulhada numa guerra civil há mais de 30 anos”, segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), como nos informa Campos (2004). Os dados obtidos do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes indicam que, somente no ano de 1980 o país teve 13.910 homicídios – e taxa de 11,7. Em 1990, a taxa saltou para 22,2 – ano em que foram registrados 31.989 assassinatos, conforme demonstrado no Gráfico 2:

Gráfico 2 | Números de homicídios no Brasil nas décadas de 1980 e 1990 segundo dados do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes.



Fonte: (AUTORA, 2024) - adaptado (ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DROGAS E CRIME, 2007).

Nesta década a taxa de homicídios no Brasil duplicou, e esse crescimento foi acompanhado com avanços análogos por Alagoas. No entanto, a violência em Alagoas tem raízes mais profundas e antigas que remontam à sua historicidade, refletindo-se de diferentes maneiras ao longo do tempo até os dias atuais. Há algumas décadas a violência tem sido um elemento intrínseco ao repertório do estado, moldando sua trajetória de maneiras diversas.

O estado foi palco de diversos períodos e eventos violentos, no qual podemos citar por exemplo "quebra de Xangô" que aconteceu no início do século XX e representou um episódio lamentável da intolerância religiosa, evidenciando a tensão entre práticas culturais afro-brasileiras e o poder instituído da época. No evento supracitado, que ocorreu no dia 2 de fevereiro de 1912, babalorixás e ialorixás alagoanos tiveram, sob alta violência, seus terreiros invadidos por uma milícia armada, seguida por uma multidão enfurecida, e assistiram à retirada à força dos templos de seus paramentos e objetos sagrados, que foram expostos e queimados em praça pública. Após 100 anos do massacre, foi assinado pelo governador Teotônio Vilela um pedido de perdão oficial do Governo de Alagoas a todas as comunidades de terreiros do estado, pelas atrocidades que marcaram aquele momento (LUNA, 2012).

Ao longo das décadas subsequentes, a violência no estado, e conseqüentemente nas cidades, evoluiu. Mais tarde, através de registros de óbitos por homicídio obtidos do Ministério da Saúde, e disponibilizados pelo Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), no ano de 2011, foram evidenciadas elevadas taxas de homicídio em Maceió. Conforme evidenciado no Gráfico 3 e baseado pelos dados apresentados no Mapa da Violência, elaborado pelo professor Júlio Jacobo Waiselfisz (2013), a capital alagoana esteve no topo do ranking das cidades mais violentas do Brasil e do mundo durante aquele período (MAPA DA VIOÊNCIA, 2013).

Gráfico 3 | Taxas de Homicídio (por 100mil) na População Total das Capitais, segundo dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM).



Fonte: (AUTORA, 2024) - adaptado (MAPA DA VIOÊNCIA, 2013).

Paralelamente a esse cenário de violência preocupante, a sociedade vivenciava um profundo sentimento de revolta em relação à situação de crime e desordem que assolava a cidade. Assim, iniciou-se um movimento de clamor da população, que se unia em manifestações públicas, reivindicando políticas eficazes que combatessem o crime e promovessem a segurança e o bem-estar coletivo. Os cidadãos clamavam por medidas concretas contra o ciclo da violência urbana, a proliferação do crime organizado e a aparente fragilidade das instituições de segurança pública.

Nesse sentido, ocorreram diversos eventos, destacando-se os protestos dos rodoviários de Maceió (Figura 13), que envolveram tanto motoristas quanto cobradores de ônibus. Esses protestos foram realizados duas vezes ao longo do ano de 2011: uma vez em maio e outra em dezembro. A principal reivindicação dos manifestantes era a busca por maior segurança no ambiente de trabalho, visando a prevenção de crimes como o trágico assassinato de um cobrador José Norberto dos Santos, que na época foi fatalmente alvejado com dois disparos por assaltantes que adentraram o ônibus.

Figura 13 | Primeiro protesto dos rodoviários, na imagem é possível ver os coletivos parados na descida da Ladeira dos Martírios.



Fonte: (AQUI ACONTECE, 2011).

Outra manifestação relevante foi a passeata realizada por alunos e professores da Escola Estadual Geraldo Melo dos Santos (Figura 14), situada no bairro Graciliano Ramos, em Maceió. O evento ocorreu na manhã do dia 19 de dezembro de 2012, com o propósito de promover a paz pelas ruas do bairro. Sob o lema “Um novo tempo de paz e harmonia”, a iniciativa, conforme explicou a diretora da escola, Irineide de Araújo Costa, visava mostrar à comunidade a importância de um ambiente livre de violência.

Figura 14 | Professores e alunos da Escola Estadual Geraldo Melo realizam caminhada pela paz.



Fonte: (HENRIQUE PEREIRA/G1, 2012).

A sociedade alagoana, impactada de maneira abrangente pela situação de violência, demonstrava, através dessas manifestações, seu cansaço diante da realidade

vigente no Estado. Os movimentos não eram apenas uma resposta coletiva à insegurança generalizada, mas também incorporavam as vozes das famílias das vítimas, impulsionadas por sentimento de revolta e impotência diante da perda de seus entes queridos. Essa união de esforços refletia não apenas um desejo por mudança, mas também uma busca por justiça, onde as famílias das vítimas se tornavam protagonistas na luta contra a impunidade.

Foi nesse contexto que, no ano de 2011, foi proposto o projeto Bosque em Defesa da Vida, desenvolvido por pesquisadoras/servidoras da UFAL, na cidade de Maceió. Segundo os relatórios e ofícios, documentos cedidos pelo próprio projeto, o objetivo idealizado nesse contexto desafiador, se propunha a ser uma reação concreta a favor da população, e principalmente a favor dos familiares que não tiveram a oportunidade de se despedir de forma esperada, muitas vezes pela forma violenta em que se deu a perda dos seus entes queridos.

O objetivo principal era homenagear simbolicamente as vítimas alagoanas de violência, logo, essa iniciativa institucional passou por várias etapas até culminar na criação de uma área verde permanente dentro da universidade, que além da narrativa simbólica, também tinha como objetivo a sensibilização social para o problema da violência, da segurança pública e visava estimular e fomentar atividades políticas, sociais, culturais, artísticas, científicas e acadêmicas em torno desses temas. Voluntariamente as famílias se inscreveram para participar do ato, e o evento que culminou na instalação do bosque aconteceu na manhã do dia 13 de junho de 2012 sob forte chuva, e foi marcado por discursos emocionados, mobilização e caminhadas em nome da paz. Foi montada uma tenda branca onde seria a entrada do bosque, onde estavam presentes as autoridades da UFAL, as famílias dos entes homenageados e os discentes e docentes responsáveis pelo projeto. Após as falas, um representante de cada família foi até o local onde as mudas estavam separadas, pegou sua muda e uma filipeta com significado da árvore, e a plantou com a assistência da supervisão. Dentro desta área, localizada próximo ao NDI, foram plantadas, ao todo, 140 mudas de

espécies arbóreas nativas, onde cada muda representa uma pessoa submetida a violência.

A partir da criação do bosque com a plantação das mudas, os familiares começaram a ter com o local o sentimento de referência de homenagem aos seus entes queridos falecidos. Como cada árvore está identificada com o nome da vítima, o bosque ficou disponível como um memorial pela vida e boas lembranças das pessoas ali homenageadas, um local sagrado para expressão de afetos e saudades, religiosidade, encontros e reflexão, afinal cada árvore ali plantada representa uma história de vida.

Embora o projeto tenha suscitado resultados positivos, diante das expectativas previstas inicialmente, o espaço do Bosque vem enfrentando problemas de manutenção e conservação desde 2015, agravados após o período da Pandemia pela Covid19 (2020-2022). Em 2015, alunos de Paisagismo 1 do curso de Arquitetura e Urbanismo da Ufal apresentaram propostas para a urbanização do espaço, buscando o apoio da Pró-reitoria estudantil e da Vice-reitora Rachel Rocha. No ano seguinte, em 2016, o Grupo de Trabalho Interdisciplinar "Amigos e Cuidadores do Bosque em Defesa da Vida" formado por professores, alunos e familiares das vítimas, surgiu com o objetivo de enfatizar a necessidade urgente de sua manutenção. No mesmo ano, houve várias tentativas de cuidar do bosque, com professores e parentes das vítimas se unindo para fazer as devidas manutenções e preservar o local. Apesar dos esforços da docência e do grupo acadêmico estudantil em buscar implementar projetos de manutenção, pouco progresso foi feito.

Anos depois, a discussão sobre retomada do projeto de extensão "Bosque em Defesa da Vida" está em andamento, agora incorporando planos abrangentes de urbanização, uma nova identidade visual e a perspectiva de novos plantios. Com foco na melhoria da infraestrutura e na criação de uma identidade visual distintiva, o processo de renovação visa não apenas restaurar o aspecto físico do bosque, mas também fortalecer sua importância como um local de homenagem e reflexão.

No entanto, a recuperação do projeto, quase 11 anos depois do plantio inicial, trouxe à tona não apenas o descaso com a área verde e suas árvores, mas também a negligência em relação aos familiares dos homenageados. O primeiro aspecto negativo é que, com o espaço do bosque sem as devidas manutenções durante anos, o espaço de convívio e prestação de homenagens e afetos foi prejudicado, e os familiares estão restritos e sem acesso ao local de encontros.

Outro problema identificado durante o evento da cerimônia em 2012 (e confirmado através de entrevistas recentes com os familiares), foram as lacunas emocionais percebidas. Considerando que o Bosque em defesa da Vida apresenta, como parte final do ritual junto às famílias enlutadas, uma cerimônia para o plantio de mudas, observou-se que a falta de um objeto simbólico que fosse capaz de proporcionar acolhimento, conforto e preparação adequada para as famílias durante e após a cerimônia, reunindo informações relevantes tanto sobre esse momento de plantio, quanto sobre o projeto que originou o Bosque. Essa lacuna emocional se manifestou como uma necessidade de conexão mais significativa entre as famílias participantes e a instituição Ufal, bem como uma falta de recursos que pudessem orientar e apoiar as famílias de forma humanizada durante esse momento delicado.

3. DESIGN DE EMBALAGEM: ASPECTOS SIMBÓLICOS E PRÁTICOS INERENTES A ESTE CAMPO PROJETUAL

O design de embalagem, como disciplina essencial dentro do universo do design de produtos, desempenha um papel crucial na concepção, desenvolvimento e aprimoramento de objetos tangíveis. Este campo dinâmico e inovador não se limita apenas à estética visual e a funcionalidade, mas abrange aspectos emocionais e simbólicos de modo a satisfazer as necessidades, o prazer e o valor conferido pelo consumidor final (GÜRBÜZ, 2018).

No cenário atual, especialmente neste momento de discussão sobre a retomada do bosque, o design de embalagem alcança dimensões mais profundas e significativas, e atua como uma ferramenta estratégica no fortalecimento do propósito do bosque, considerando as necessidades emocionais e práticas envolvidas.

3.1 HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DAS EMBALAGENS

O desenvolvimento das embalagens sempre acompanhou a história da sociedade, pois o homem sempre precisou de “embrulhos”, desde os primórdios da civilização, quando passou a explorar os territórios para caçar e colher alimentos para a sua própria sobrevivência. Os primitivos utilizavam conchas, casca de coco como recipientes, para comer, beber, ou guardar algum alimento, como explica Negrão (2008):

A embalagem tem sua origem antropológica e sociológica nos primórdios da civilização humana, pois se deriva da necessidade básica do ser humano de se alimentar e de buscar formas de guardar e conservar seu alimento por mais tempo. Com o crescimento das sociedades tribais, a atividade nômade (caracterizada pela extração), passa a dar espaço ao sedentarismo e à fixação dos grupos em um dado local. Como explorador, o homem passa a desbravar territórios de adversidade climática, onde não basta mais caçar ou colher para alimentar-se imediatamente, era preciso armazenar e transportar (NEGRÃO, 2008, p.23).

À medida que a era nômade chegava ao seu término, a embalagem desempenhava um papel fundamental na preservação dos alimentos que não seriam

consumidos de imediato, garantindo a sobrevivência humana com essa função primária, atuando como um meio de contenção e proteção (Figura 15).

Figura 15 | “Vasilha pintada”, atualmente exposta na Acrópole de Lipári, Itália. Vaso de cerâmica feito no período Neolítico.



Fonte: (BLOGDAMARICALEGARI, 2017).

Os envoltórios eram artesanais, sem estratégias de venda ou atrativos adicionais, matérias-primas como fibras de tecido e argila eram utilizadas em peças confeccionadas artesanalmente para transportar e conservar alimentos e outros produtos. Alguns séculos depois, a embalagem ainda permaneceria com esse aspecto artesanal, porém agora, em materiais diversos como sacos e cestos de fibras vegetais, bolsas em couro rústico, louças de barro, alguns recipientes em metal e vidro. No período da Primeira e Segunda Guerra Mundial, os produtos eram embalados e transportados para os soldados que estavam em combate na guerra, com o objetivo de prolongar a duração do produto. Depois dos acontecimentos, a embalagem tornou-se um grande ícone na sociedade de consumo.

Segundo Camargo e Negrão (2008), com o início da Revolução Industrial e da produção de produtos em série, os aspectos da embalagem começaram a mudar drasticamente. No século XIX, com a era industrial, surgiram novas demandas visando tornar os produtos mais comercializáveis. Nesse contexto, desenvolveram-se embalagens para produtos industriais, visando a proteção e facilitação do manuseio.

Além disso, surgiram embalagens com design atrativo, acrescentando valor percebido pelo consumidor.

Ainda sobre a evolução das embalagens, Negrão (2008) diz que a embalagem acompanhou o desenvolvimento tecnológico e humano, onde foram descobertas novas necessidades, fazendo que fossem produzidos novos materiais para os produtos, com propriedades específicas como durabilidade, resistência, praticidade, estética entre outros. Isto deixou as embalagens ainda mais práticas e atraentes, despertando o olhar do consumidor (Figura 16).

Figura 16 | Propaganda dos cereais Kellogg's, em 1959. Com a grande demanda de comercialização em massa deste produto, a Kellogg Brothers foi a primeira a usar as caixas de cereais.



Fonte: (MODENAPACK, 2017).

Com a instalação dos supermercados e do autosserviço, após a segunda guerra mundial, as embalagens precisaram se tornar o próprio vendedor, seduzindo o consumidor com sua aparência, convencendo-o a levar o produto para casa. Grandes empresas passam a identificar nas embalagens dos produtos a identidade da marca, reafirmando o valor de cada item, como um certificado de garantia. “O que era simples envoltório anônimo se transformou em uma das mais poderosas armas de propaganda e marketing.” (CAVALCANTI, CHAGAS, 2006, p. 15).

Ao longo do tempo, as embalagens evoluíram para acompanhar as tendências do mercado, expandindo suas funções além de proteger e conservar alimentos e produtos. Atualmente, elas também facilitam o manuseio, informam o consumidor sobre o produto e o diferenciam dos concorrentes, atraindo a atenção no ponto de venda e atuando como o primeiro vendedor para o público. Com grande influência na mente dos consumidores, as embalagens passaram a aproximar o produto do cliente, facilitando o acesso e agregando valores emocionais e funcionais.

3.2 IMPORTÂNCIA E FUNÇÕES DAS EMBALAGENS

Segundo Moura (1997), a embalagem exerce quatro funções principais: contenção, proteção, comunicação e utilidade. A contenção refere-se à capacidade da embalagem de servir como recipiente, evitando vazamentos e perdas do produto; a proteção resguarda o produto de danos durante a manipulação, movimentação, transporte e estocagem, além de protegê-lo das condições atmosféricas, como umidade, temperatura e radiação solar; a comunicação informa por meio de forma, cor, dimensão, elementos gráficos e impressões; e a utilidade facilita a interação entre a embalagem e consumidor final, dependendo do tipo de embalagem. Mestriner (2001) e Gurgel (2007) abordam ainda as funções comportamentais da embalagem, como a função mercadológica que contribui para as vendas e para a formação da imagem da marca; função econômica com o propósito de otimizar custos de produção, matéria-prima, bem como estabelecer uma relação proporcional do valor em relação ao custo; função ecológica, pois embora as questões ecológicas possam ser consideradas como fatores de projeto, minimizar impacto ambiental, atualmente, é também um propósito da embalagem; e a função sociocultural, que seria a embalagem enquanto expressão da cultura e do estágio de desenvolvimento de empresas e países. Todas essas funções da embalagem se relacionam para garantir a integridade do produto e melhorar a experiência do consumidor (Figura 17).

Figura 17 – Relação de todas as funções da embalagem, para criar uma embalagem ideal.

FUNÇÕES DA EMBALAGEM



Fonte: (AUTORA, 2024).

De acordo com Mozota (2003), e outros autores citados anteriormente, o design de embalagem inicialmente realizava sua função como proteção para os produtos. Com a evolução dos tempos este conceito mudou, onde o resultado do design de embalagem é o maior meio de comunicação entre o que se deseja vender/projetar/informar e o consumidor/usuário final.

A função de comunicação da embalagem tem se tornado cada vez mais relevante ao longo de sua evolução histórica, e hoje a embalagem é a primeira e principal oportunidade de comunicação do produto, sendo responsável por identificar o item. O apelo visual e impacto estético é parte fundamental na decisão de compra e sucesso da venda de um produto, mas além disso, a embalagem deve incluir informações obrigatórias determinadas por órgãos como a vigilância sanitária, além de legislações ambientais. Essas exigências constituem a função informacional da embalagem. O design da embalagem vai ser o fator influenciador, gerando uma percepção para o consumidor (produto na mente); com isso, a imagem da embalagem se torna um ícone do produto, possuindo significados próprios como discorre o especialista em design e inteligência de embalagem Fábio Mestriner:

A grande força da embalagem está no fato de o marketing ser uma batalha de percepção e não de produtos. Nesse sentido, a embalagem tem o poder de fazer com que o produto seja percebido de certa maneira, agregando a ele novos valores e significados (MESTRINER, 2002, p. 18).

Mestriner (2007), também explica que do ponto de vista semântico, esses sistemas de significados estão ligados às funções de linguagem dos produtos, através das quais eles se comunicam visualmente com seus usuários. Os atributos visuais das embalagens demonstram a capacidade de criar um sistema de significados e uma experiência que atinge tanto os sentidos quanto as emoções dos consumidores, despertando o desejo de possuir determinado produto. Um exemplo clássico são as latas de biscoitos amanteigados, que de forma geral tende a despertar nas pessoas o sentimento de nostalgia (Figura 18).

Figura 18 - Relação de todas as funções da embalagem, para criar uma embalagem ideal.



Fonte: (EMPÓRIO CLICK, 2024).

Jordan (2000 apud MONT'ALVÃO; DAMAZIO, 2008, p. 8), criador do conceito de "agradabilidade", defende a ideia "de que, além de eficiência e funcionalidade, os produtos também deveriam promover experiências agradáveis a seus usuários". O autor diz que o prazer associado a grande parte dos artefatos está relacionado aos aspectos de design.

Na interação entre usuários e produtos, o foco não permanece mais somente nos requisitos ergonômicos de funcionalidade e usabilidade, mas também nas necessidades psicológicas e sociológicas do usuário. A interação com produtos está conectada a uma série de emoções, positivas ou negativas, que podem ser

desencadeadas durante esta experiência: os usuários podem se sentir felizes, satisfeitos, ou ainda aborrecidos, durante essa interação.

Mont'Alvão e Damazio (2008, p. 7) declaram que emoção, prazer, afeto e satisfação, eram termos ausentes do vocabulário da ergonomia e do design, mas hoje estão presentes, dando relevância à ideia de que “as pessoas estabelecem relações afetivas com os produtos que as cercam e que é possível projetar com o objetivo de proporcionar experiências prazerosas e desencadear sentimentos positivos nos usuários”.

3.3 MATERIAIS E PROCESSOS USADOS NO DESENVOLVIMENTO DO ARTEFATO

Conceitualmente, o design de embalagem é uma junção do design gráfico e do design do produto, que determina o aspecto visual e funcional do projeto (Figura 19).

Figura 19 | Design de embalagem e seus aspectos.



Fonte: (AUTORA, 2024).

Mestriner (2018) diz que o design de embalagem é um sistema que envolve materiais, tecnologia, processos, equipamentos, design, marketing, logística e comunicação, garantido que a embalagem não apenas proteja o produto, mas também

comunique eficazmente sua marca e informações essenciais aos consumidores.

Sendo um meio de comunicação direto com o consumidor, uma embalagem bem projetada vai além de simplesmente apresentar o produto de maneira atraente, ela gera uma série de reações positivas que são essenciais para o sucesso do produto.

A seleção de materiais deve considerar fatores como sustentabilidade, durabilidade, custo e funcionalidade, ao mesmo tempo considera cores, formas, beleza, ergonomia, conveniência, entre outros aspectos. Processos de fabricação, como moldagem, impressão e acabamento, também desempenham um papel crucial, influenciando a funcionalidade e a estética da embalagem. Os diferentes tipos de embalagens, a escolha dos materiais, assim como as técnicas de produção, está inserida em um processo mais amplo e complexo. Essas escolhas influenciam diretamente, entre outros aspectos, na funcionalidade, conservação, percepção do consumidor, viabilidade econômica e impacto ambiental da embalagem.

No design de embalagem, é fundamental compreender as funções e os papéis das embalagens primárias, secundárias e terciárias, pois cada uma possui um propósito específico dentro do ciclo de vida do produto. A embalagem primária é aquela que está em contato direto com o produto, sendo responsável por envolvê-lo e apresentar informações essenciais para o consumidor, como instruções de uso e composição, entre outras informações essenciais. Já a embalagem secundária facilita o armazenamento, além de contribuir para a identidade visual e o apelo comercial em pontos de venda.

Por fim, a embalagem terciária, é projetada para proteger o produto durante o transporte e o armazenamento, garantindo que o produto chegue ao destino em condições adequadas. A interação entre esses três tipos de embalagens pode ser observada na figura 20 a seguir.

Figura 20 | Perfume Good Girl, da marca Carolina Herrera: Frasco do perfume, caixa e sacola de transporte.



Fonte: (AUTORA, 2024).

As embalagens primárias, ou de contenção, que protegem e mantêm o produto em boas condições, podem aparecer de diversas formas: latas, sacos, potes, garrafas, sachês, bisnagas e frascos, entre outros. Elas geralmente são feitas de materiais que evitam a contaminação por danos externos ou agentes químicos, e podem ser reutilizáveis, para que o cliente possa guardá-las e utilizá-las novamente, como é o exemplo de algumas embalagens de sabonetes líquidos e perfumes. Já as embalagens secundárias, aquelas usadas para envolver e proteger a embalagem primária, são encontradas frequentemente em diversos formatos de caixas e sacolas, produzidas de várias formas e materiais diferentes, levando em conta claro, o tipo de produto. Por fim, a embalagem terciária, que é usada para agrupar embalagens primárias e secundárias, facilitando o transporte e o manuseio seguro das mercadorias, encontrada em formato de sacos, sacolas e caixas, e, dependendo da dimensão dos produtos e unidade de carga maior, paletes e os contêineres.

De acordo com Negrão e Camargo (2008), o tamanho e a estrutura das embalagens devem ser planejados levando em conta fatores como os processos de distribuição, o tipo de transporte, a durabilidade no armazenamento, a capacidade de empilhamento, as condições climáticas e o tempo de estocagem do produto. Também é essencial considerar as condições ideais para que o produto seja preservado até o momento do consumo, o que envolve aspectos de acondicionamento, conservação e

conformidade com regulamentações. Para isso, é importante entender as propriedades químicas e físicas, os benefícios e a eficiência dos materiais empregados nessas embalagens, pois o uso de determinado material dependerá também do tamanho e forma final do recipiente, que por muitas vezes podem limitar ou não se adaptar aos processos de produção existentes. Raramente um material atende todos os itens de forma ideal, muitas vezes é necessário reduzir um benefício em detrimento de outro que é considerado mais importante, por esse motivo se torna indispensável compreender esses fatores e como eles se articulam, identificando a melhor estratégia possível.

Apesar do seguimento do design de embalagem ter se desenvolvido significativamente ao longo dos últimos tempos, principalmente pela oferta de novos materiais, o que possibilitou diversos avanços tecnológicos na área, o mercado atual, contudo, ainda utiliza quatro grandes grupos de materiais (Negrão; Camargo, 2008): o papel (materiais celulósicos), metal (alumínio e aço), vidro e plástico (polímeros). Conforme estudos realizados pela IBRE-FGV (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas) e ABRE (Associação Brasileira de Embalagem), na Tabela 3 a seguir, cujos dados provêm do IBGE, é possível verificar a participação de cada material no valor da produção.

Tabela 3 | Percentual de participação do material no valor da produção

MATERIAL	2018	2019
PLÁSTICOS	40%	41%
PAPEL	32%	30%
METAL	17%	19%
VIDRO	5%	6%

Fonte: (AUTORA, 2024) - adaptado (Elaborado com base em Abre, 2018).

Essa diversificação de materiais envolveu a criação de diferentes tipos de embalagens, cada uma com características e específicas que atendem às diversas

necessidades do mercado. A escolha do material influencia diretamente o tipo de embalagem, considerando aspectos como resistência, peso, custo e impacto ambiental. A seguir, são apresentadas as principais embalagens disponíveis no mercado, de acordo com material utilizado para a sua fabricação, destacando suas funções e aplicações nos mais diversos segmentos.

3.3.1. PLÁSTICO

O polímero, popularmente chamados de plástico, é uma molécula sintética que pode se originar de uma síntese artificial ou da transformação de produtos naturais. O uso desse material aumentou significativamente nos últimos 10 anos, nos mais diversos segmentos industriais. Essa popularização se deve, principalmente, ao seu baixo custo de produção, peso reduzido, elevada resistência e à sua versatilidade.

Os polímeros apresentam diferentes propriedades de acordo com a sua composição química, o que viabiliza uma grande variedade de aplicações no segmento de embalagens. Apesar dos critérios de classificação, de modo geral as embalagens plásticas são divididas em: rígidas e flexíveis. As chamadas rígidas são, na verdade, embalagens estruturadas como potes, garrafas, frascos, ampolas etc. Já as flexíveis referem-se a filmes, como sacos, sacolas e semelhantes. Na Figura 21 a seguir, é possível ver a diferença entre esses dois grupos.

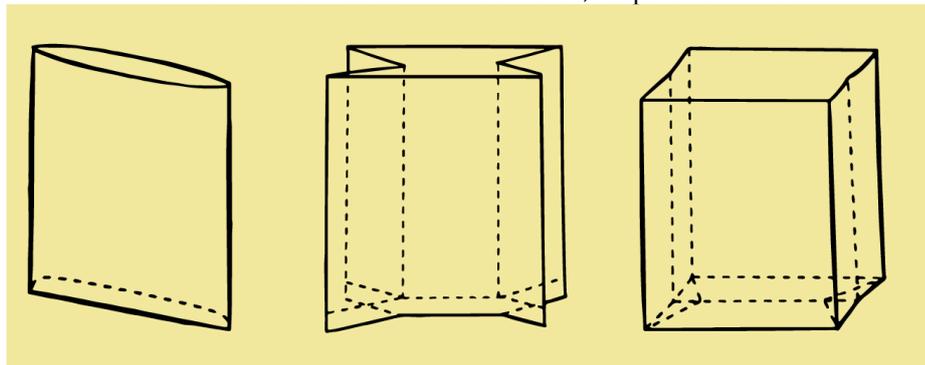
Figura 21 | Embalagens da marca Neston, do tipo flexível e rígida, respectivamente.



Fonte: (AMERICANAS, 2024).

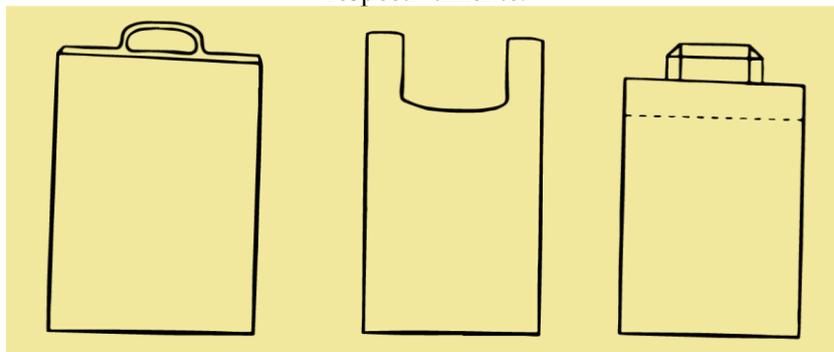
As embalagens flexíveis têm o processo construtivo semelhante ao das embalagens de papel, já que ambos partem de um plano bidimensional, logo, um dado importante deste tipo de projeto são os sistemas empregados de corte, impressão e fechamento de embalagem. A faca de corte é fundamental para o processo de fabricação de embalagens de plástico flexíveis, pois ela define o formato e as dimensões exatas das embalagens, garantindo cortes precisos e uniformes, permitindo criar embalagens personalizadas de acordo com a necessidade de cada cliente e/ou produto. Já sobre a impressão nesses tipos de embalagens, a rotogravura e a flexografia são os sistemas de reprodução impressa mais utilizados. Vejamos a seguir, as ilustrações de Giovannetti (2000) em *“El Mundo del Envase”* que exemplifica as possibilidades de configuração e selamento de algumas variáveis de embalagens executadas em plásticos flexíveis (Figuras 22, 23, 24 e 25).

Figura 22 | Saco plano com selamento no fundo, saco com fole lateral e selamento no fundo e saco com fole no fundo e selamento lateral, respectivamente.



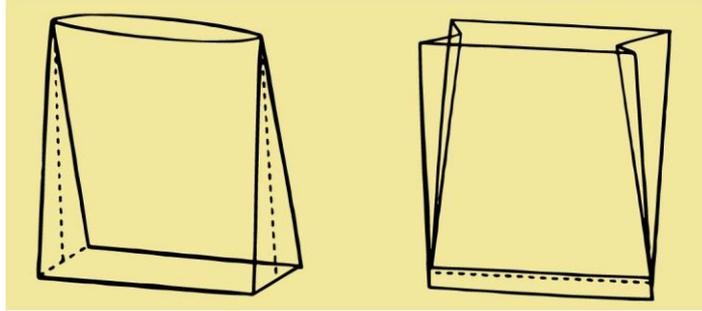
Fonte: (AUTORA, 2024) - Adaptado (GIOVANNETTI, 2000).

Figura 23 | Sacola com alça injetada e soldada; sacola com alça lateral; e sacola com alça costurada, respectivamente.



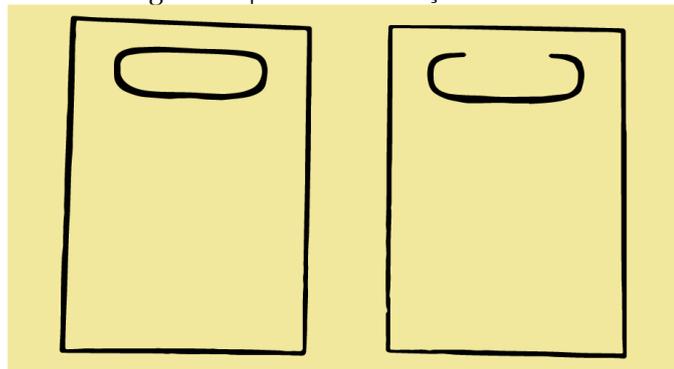
Fonte: (AUTORA, 2024) - Adaptado (GIOVANNETTI, 2000).

Figura 24 | Sacos planos com selamento no fundo e lateral.



Fonte: (AUTORA, 2024) - Adaptado (GIOVANNETTI, 2000).

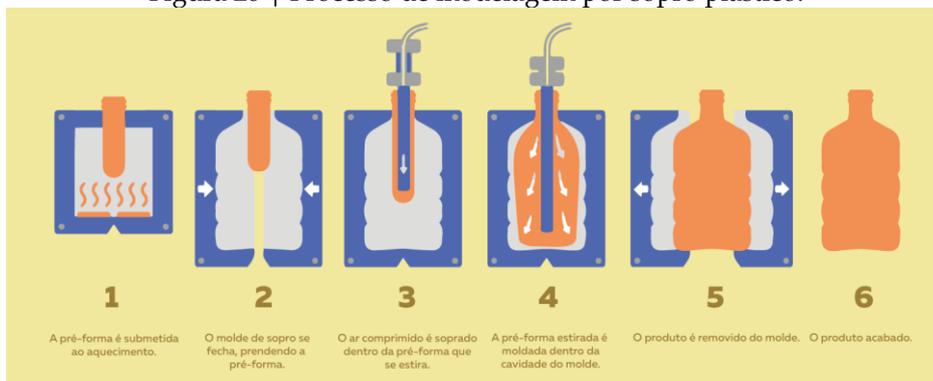
Figura 25 | Sacola com alça "orelha".



Fonte: (AUTORA, 2024) - Adaptado (GIOVANNETTI, 2000).

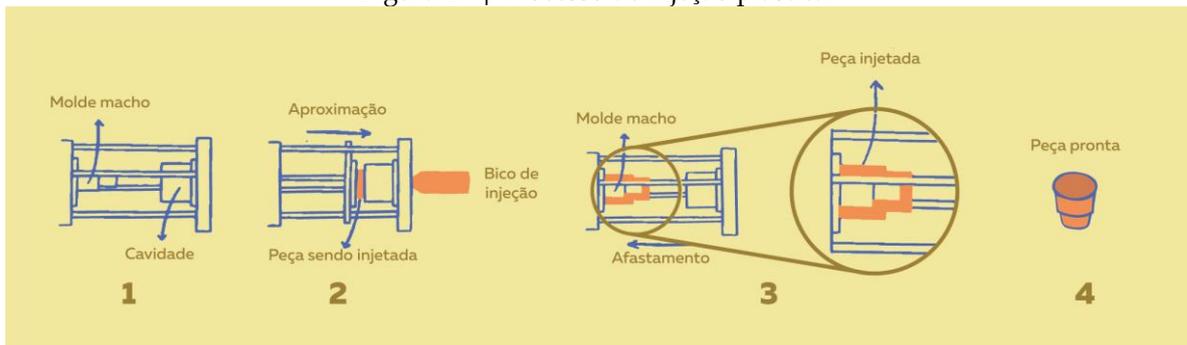
Já no processo de fabricação das embalagens rígidas, é fundamental ter conhecimento do processo de fabricação que será utilizado ao projetar a embalagem, levando em consideração a espessura, ângulos, capacidade volumétrica e peso da peça produzida. Elas são obtidas por meio de conformação como sopro, injeção, rotomoldagem e termoformagem. Esses processos foram ilustrados nas Figuras 26, 27, 28 e 29 a seguir.

Figura 26 | Processo de modelagem por sopro plástico.



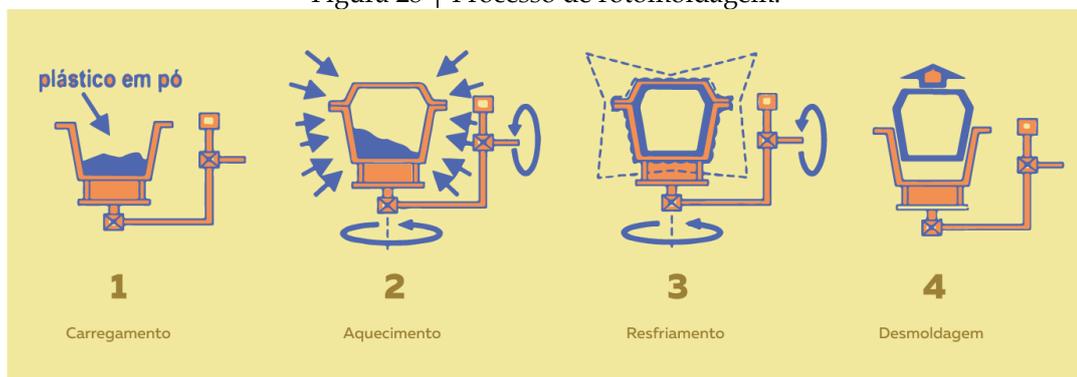
Fonte: (AUTORA, 2024) - adaptado (STARK FERRAMENTARIA, 2020).

Figura 27 | Processo de injeção plástica.



Fonte: (AUTORA, 2024) - Adaptado (NEGRÃO; CAMARGO, 2008).

Figura 28 | Processo de rotomoldagem.



Fonte: (AUTORA, 2024) - Adaptado (PLÁSTICO MODERNO, 2016).

Figura 29 | Processo de termoformagem.



Fonte: (AUTORA, 2024) - Adaptado (NEGRÃO; CAMARGO, 2008).

Os sistemas de impressão mais comuns para aplicação direta sobre o modelo rígido, são a serigrafia e a tampografia, que se aplicam quando a embalagem já está em sua forma tridimensional final.

A diversidade de tipos de plástico e de processos de fabricação, permite atender a diferentes necessidades de embalagem, desde a conservação de alimentos até a proteção de produtos industriais. Esses processos não apenas possibilitam uma ampla

diversidade de formatos e aplicações, mas também influenciam diretamente a durabilidade e a proteção dos produtos embalados.

3.3.2. PAPEL

Ainda que possa ser obtido naturalmente, quando nos referimos ao papel no mercado de embalagens, falamos da sua produção industrial que envolve processos químicos e mecânicos. Algumas peculiaridades e propriedades determinam as características físicas, mecânicas e funcionais dos papéis, e isso significa que conhecer as especificações do tipo de papel, e levar suas características em conta no momento da escolha do tipo de papel que será aplicado, é essencial para garantir a resistência da embalagem. A Tabela 4 a seguir explica algumas dessas características.

Tabela 4 | Características e propriedades dos papéis.

CARACTERÍSTICAS DOS PAPÉIS	
Gramatura	É o peso do papel expresso em gramas, referente a amostra com 1m ² de superfície
Rigidez	Resistência oferecida pela folha ao ser curvada
Resistência ao estouro	Mede a resistência à pressão em kg/cm ²
Grau de absorção	Mede o quanto o papel é tolerante aos meios líquidos
Resistência ao rasgo	Energia necessária para se rasgar o papel, após ter se iniciado um corte
Grau de colagem	A colagem evita que a tinta se espalhe sobre a folha ou seja absorvida por ela
Resistência a dobras duplas	Mede quanto o papel resiste a dobras sucessivas
Porosidade	É a sua capacidade de ser atravessado por uma corrente de ar
PH	Mede a acidez, neutralidade ou alcalinidade de uma solução
Imprimibilidade	O quão nítido um ponto apresenta-se após a impressão sobre determinado papel
Estabilidade dimensional	Mede quanto o papel pode sofrer consideráveis alterações dimensionais em função da umidade do ambiente
Resistência à tração	Tensão máxima que o papel pode suportar, maior no sentido de fabricação
Absorção da tinta	É a capacidade do papel de ser atravessado pela tint
Resistência à água	A resistência do papel é inversamente proporcional à sua solubilidade em água
Pulverulência superficial	Quanto de poeira o papel pode soltar devido às suas qualidades ou defeitos
Propriedades ópticas	Cor, opacidade e brilho

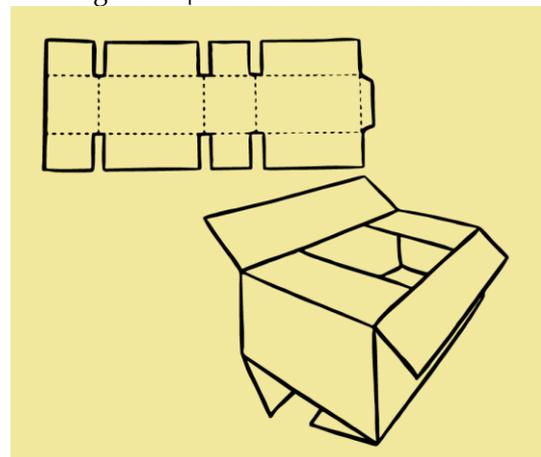
Fonte: (AUTORA, 2024).

Uma característica do papel não citada acima, mas que merece destaque e faz com que seja altamente recomendado do ponto de vista ecológico é a sua biodegradabilidade, pois quando é puramente composto de fibras vegetais, reintegra-se com facilidade à natureza. Outra vantagem deste material são as infinitas possibilidades de corte, impressão e acabamento. O papel é um material versátil que permite o uso de praticamente todos os tipos de faca de corte e sistemas de impressões com excelentes resultados, o que amplia bastante as possibilidades de design e acabamento para embalagens. Essa flexibilidade se deve à maleabilidade e à densidade do papel, que, dependendo da gramatura e do tipo, pode ser moldado com precisão, suportando desde cortes simples até formatos complexos e detalhados. Essa adaptabilidade do papel é uma vantagem significativa, pois possibilita a criação de embalagens funcionais e esteticamente variadas para diferentes produtos e finalidades.

O papel utilizado nas embalagens pode ser bem simples, nessas situações ele é aplicado quase da mesma forma que foi adquirido, porém, grande parte das embalagens de papel é composta por cartuchos e caixas, que podem servir tanto para acomodar um frasco de perfume quanto para agrupar várias caixas menores. Segundo Negrão e Camargo (2008), sua classificação formal, de acordo com a normatização da ABNT, pode ser resumida e ilustrada (Figuras 30, 31, 32, 33, 34 e 35) da seguinte forma:

- a) Caixas normais básicas: são compostas de peça única, com abas superiores e/ou inferiores, cujas as juntas podem ser grampeadas coladas ou adesivadas.

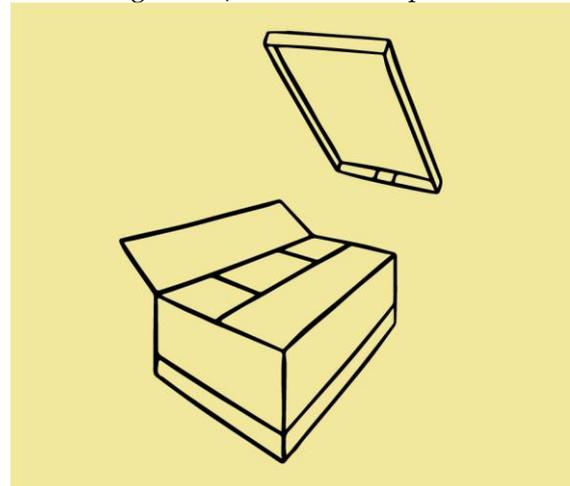
Figura 30 | Caixas normais básicas.



Fonte: (AUTORA, 2024) - Adaptado (GIOVANNETTI, 2000).

- b) Caixas telescópicas: são compostas por mais de uma peça, possuindo tampa e/ou fundo encaixados.

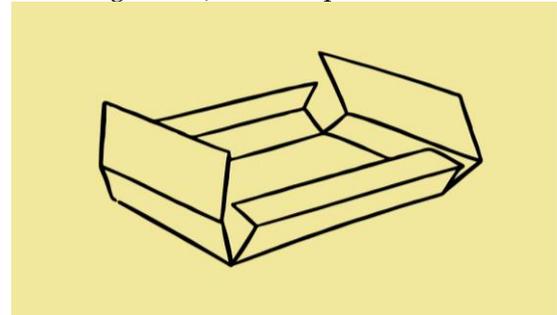
Figura 31 | Caixas telescópicas.



Fonte: (AUTORA, 2024) - Adaptado (GIOVANNETTI, 2000).

- c) Caixas tipo envoltório: são caixas que são compostas ou não de peça única, podendo dispensar tampa. Como característica, o fundo é dobrado para a formação das paredes laterais, permitindo a montagem sem cola, grampos ou adesivos.

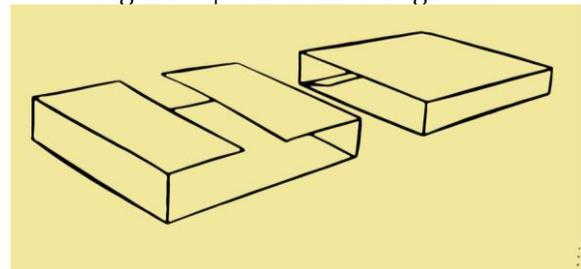
Figura 32 | Caixas tipo envoltório



Fonte: (AUTORA, 2024) - Adaptado (GIOVANNETTI, 2000).

- d) Caixa modelo gaveta: este tipo é composto por cintas que se complementam estruturalmente, podendo ou não prescindir de grampos, colas ou fitas adesivas em sua montagem.

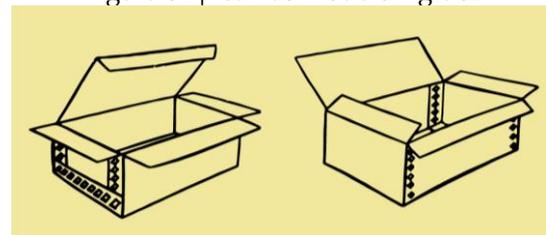
Figura 33 | Caixas modelo gaveta.



Fonte: (AUTORA, 2024) - Adaptado (GIOVANNETTI, 2000).

- e) Caixas modelo rígido: compostas por mais de uma peça (usualmente testeira e corpo), permitindo a união por meio de colagem, grampeamento ou fita adesiva.

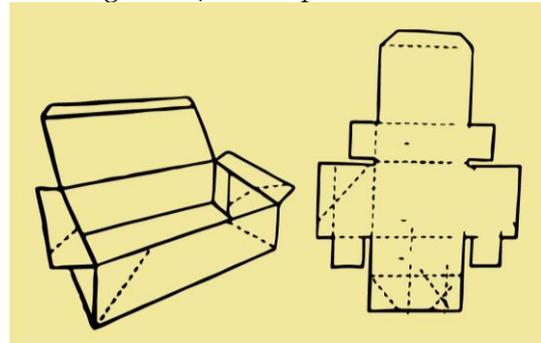
Figura 34 | Caixas modelo rígido.



Fonte: (AUTORA, 2024) - Adaptado (GIOVANNETTI, 2000).

- f) Caixas pré-montadas: de fácil montagem, são compostas de peça única, dispensando ou não grampos, colas e fitas adesivas para a sua montagem.

Figura 35 | Caixas pré-montadas.



Fonte: (AUTORA, 2024) - Adaptado (GIOVANNETTI, 2000).

Além das caixas classificadas pela ABNT, existem também outros modelos amplamente utilizados no mercado para atender a diferentes necessidades de embalagem. Um exemplo popular é a "caixa tipo livro" (Figura 36), que se abre como uma capa de livro e é muito utilizada para produtos de acabamento mais sofisticado, como itens de papeleria, cosméticos e presentes. Esse modelo oferece praticidade e valor estético, agregando valor à experiência do consumidor.

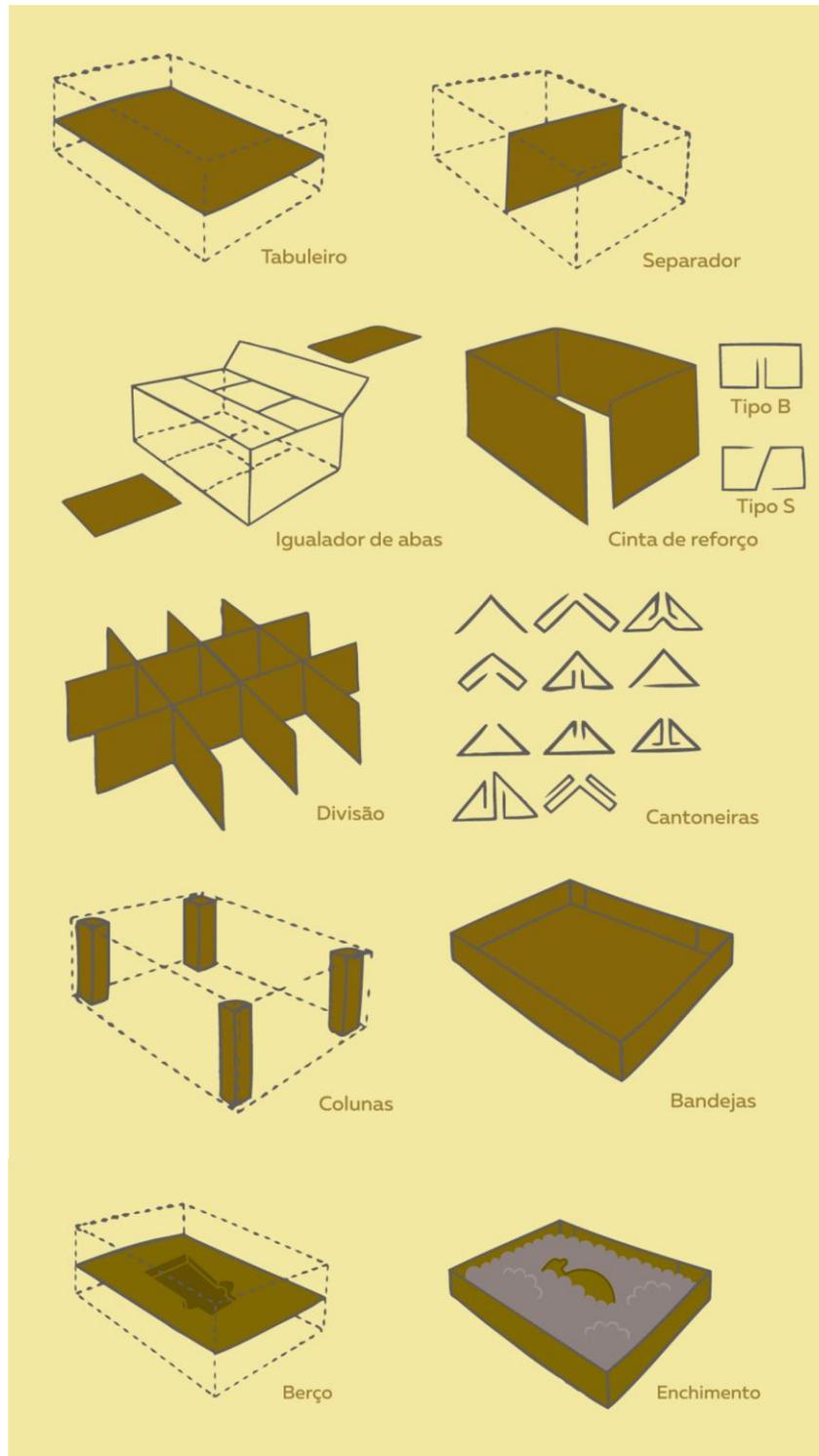
Figura 36 | Caixa cartonada com abertura de tampa tipo livro.



Fonte: (DRAGA, 2024).

As caixas (de papel ou não) também podem conter acessórios internos, que auxiliam na exposição, fixação do produto, reforçando a estrutura, separando ou protegendo o conteúdo, a seguir (Figura 37) serão exemplificados alguns tipos de acessórios internos para caixas.

Figura 37 | Acessórios internos para embalagens em formatos de caixas.



Fonte: (AUTORA, 2024) - Adaptado (NEGRÃO; CAMARGO, 2008).

Assim, as embalagens de papel se destacam por sua versatilidade e capacidade de adaptação a diferentes formatos e funções, tornando-se uma escolha eficiente para proteger e valorizar os produtos.

3.3.3. VIDRO

As embalagens de vidro, são amplamente utilizadas em diversos setores, como alimentos, bebidas, produtos farmacêuticos e cosméticos. O vidro é um material cerâmico inorgânico, rígido e amorfo, que é fundido e moldado em altas temperaturas, composto principalmente por sílica, matéria-prima presente na areia. Esse material é valorizado por suas propriedades únicas, como transparência, impermeabilidade e resistência química, que permitem a preservação do conteúdo sem interações químicas indesejadas. Em seu processo de fabricação são misturadas todas as matérias-primas e levadas ao forno em uma temperatura de 1500°C, se transformando em uma massa de vidro, e essa massa é então resfriada a 900°C, por este motivo podemos considerar o vidro um líquido super-resfriado.

Um das mais exploradas propriedades do vidro, no mercado de embalagens é a sua transparência, pois o material agrega ao produto uma imagem nobre, sofisticada e confiável. Mas além dessa característica, existem outras como, baixa permeabilidade, não oxidável, baixa condutibilidade térmica e elétrica, entre outros, estas inúmeras características peculiares do vidro, fazem com que ele seja um material de múltiplas aplicações no segmento de embalagens. Além disso, o vidro também é retornável e reutilizável, ou seja, as embalagens podem ser reaproveitadas pela indústria ou dentro do próprio ambiente doméstico.

Apesar de ter elevadíssima durabilidade química, o que o torna adequado para embalagens de produtos quimicamente sensíveis como ácidos, substâncias e remédios por exemplo, o vidro não pode ser considerado 100% inerte, pois em condições específicas, ele pode sofrer algumas interações com o ambiente ou o conteúdo armazenado, como é o caso do seu contato com o ácido fluorídrico, que é usado para a sua fosqueação. O fato de suportar elevadas temperaturas faz com que o vidro seja esterilizável, o que permite excelentes condições de higienização, possibilitando seu uso na área da saúde.

Embora possam existir incontáveis formulações de vidros, basicamente é possível subdividi-los em sílica vítrea, silicatos alcalinos, vidros sodocálcicos, vidros ao chumbo, vidros borossilicatos e vidros aluminoborossilicatos, é possível observar as características e aplicações de cada uma dessas opções, na Tabela 5 abaixo:

Tabela 5 | Tipos de vidro.

SÍLICA VÍTREA	APLICADO EM SITUAÇÕES QUE EXIGEM BAIXA EXPANSÃO TÉRMICA, RESISTÊNCIA E CHOQUES TÉRMICOS OU ESTABILIDADE DIMENSIONAL. UTILIZADAS EM EQUIPAMENTOS QUE ATIVAM ALTA PRECISÃO ÓPTICA COMO LENTES DE ÓCULOS, TELESCÓPIOS E CÂMERAS DE ALTA QUALIDADE.
SILICATOS ALCALINOS	SÃO INCORPORADOS ÓXIDOS ALCALINOS À SÍLICA VÍTREA, PARA UM PRODUTO MENOS VISCOSO E MAIS MALEÁVEL. ELE PASSA A SER SOLÚVEL EM ÁGUA, SENDO APLICADO EM DESLIVOS, PRODUTOS DE LIMPEZA E PELÍCULAS PROTETORAS.
VIDROS SODOCÁLCICOS	POSSUEM SODA E CAL EM SUA COMPOSIÇÃO, QUE REDUZEM A SOLUBILIDADE DOS VIDROS, MANTENDO A FACILIDADE DE FUSÃO. É BASTANTE USADOS EM EMBALAGENS (FRASCOS, GARRAFAS) E EM VIDROS DE CARRO.
VIDROS AO CHUMBO	CONHECIDOS COMO CRISTAL, SÃO USADOS HÁ SÉCULOS PARA A CONFECÇÃO DE PEÇAS NOBRES, ARTIGOS FINOS DE MESA E PEÇAS DE ARTE. O CHUMBO CONFERE AO VIDRO UM MAIOR ÍNDICE DE REFRAÇÃO, O QUE AUMENTA O SEU BRILHO.
VIDROS BOROSSILICATOS	APRESENTAM RESISTÊNCIA AO CHOQUE TÉRMICO E POR ISSO SÃO UTILIZADO EM UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS, COMO PANEAS, REFRAATÓRIOS QUE VÃO AO FORNO. POR TER ALTA RESISTÊNCIA QUÍMICA, TAMBÉM É USADO EM EQUIPAMENTOS LABORATORIAIS.
VIDROS ALUMINOBOROSSILICATOS	PODEM SER AQUECIDOS A TEMPERATURAS ELEVADAS SEM DEFORMAÇÃO, BASTANTE UTILIZADO EM LÂMPADAS DE VIDRO DE HALOGÊNIO, TERMÔMETROS DE ALTA TEMPERATURA, TUBOS DE COMBUSTÃO, ENTRE OUTROS

Fonte: (AUTORA, 2024).

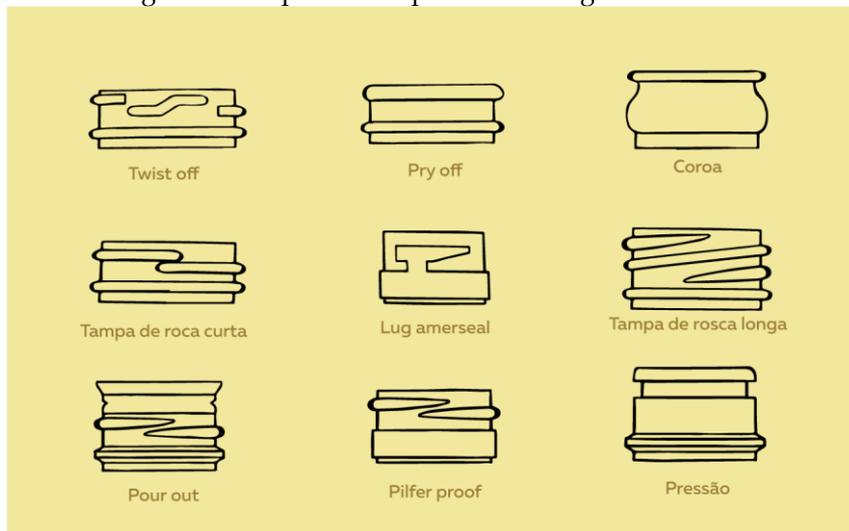
O vidro é um material que valoriza o desenvolvimento estético das embalagens, permitindo uma ampla variedade de formatos e núcleos. No entanto, além do design visual, é essencial considerar certos aspectos técnicos. A resistência mecânica do vidro, por exemplo, pode ser aumentada com a aplicação de rótulos ou por revestimentos que aumentam sua dureza, variando a probabilidade de danos. Além disso, o vidro permite a inserção de inscrições diretamente em sua superfície durante a modelagem, criando relevos ou texturas que aumentam a resistência ao impacto.

Diferente das embalagens citadas anteriormente, embalagens de vidro não utilizam facas de corte como as usadas para papel, papelão ou outros materiais flexíveis, o processo de fabricação é bem diferente e não envolve corte, pois o vidro não é um material que pode ser cortado da mesma forma que o papel. Em vez disso, o vidro é moldado por processos de sopro, prensagem e fundição, onde ele é aquecido

até se tornar maleável e, em seguida, colocado em moldes específicos para adquirir a forma desejada.

Os sistemas de impressão mais comuns para aplicação direta sobre vidro são a serigrafia e a tampografia, que se aplicam quando a embalagem já está em sua forma tridimensional final. Alternativamente, a rotulagem pode ser feita com etiquetas ou adesivos em diversos materiais, como papel ou plástico, que podem ser fixados ao vidro com adesivos convencionais. Em termos de forma, as embalagens esféricas oferecem a maior resistência, seguidas das cilíndricas e, por último, das retangulares. O fechamento do vidro pode ser feito a partir da combinação de outros materiais, mas é essencial conhecer a composição química do material, pois nem todos os materiais são tão inertes como o vidro, podendo causar reações químicas com o conteúdo embalado. A Figura 38 abaixo ilustra, alguns tipos de tampas que podem ser aplicadas às embalagens de vidro.

Figura 38 - Tipos de tampas de embalagens de vidro.



Fonte: (AUTORA, 2024).

Por fim, o vidro é um material versátil e de grande valor estético para embalagens, amplamente usado na área cosméticas e de bebidas alcoólicas, devido a sua associação com a qualidade. É um material pesado, e isso pode valorizar o produto, dando a sensação ao cliente, que ele está recebendo mais pelo que está pagando.

Além destes materiais, também é possível fazer a combinação de materiais com a finalidade de melhorar, economicamente ou funcionalmente, o desempenho de determinadas embalagens. Como aponta a Figura 39, o mercado está repleto de exemplos de embalagens que usam deste mesmo conceito: potes de aço com tampas de plástico; potes de vidro com tampa de metal e rótulos de papel; garrafas de vidro com rolha de madeira e assim por diante.

Figura 39 – Principais exemplos do mercado de embalagens.



Fonte: (FOODSAFETYBRAZIL, 2020).

Outro ponto relevante é que a escolha e combinação de materiais, também são pensadas para alinhar a embalagem com o visual e a proposta do produto. Na maioria das vezes, embalagens de produtos naturais ou com uma proposta sustentável, utilizam materiais biodegradáveis e/ou reciclados, escolhidos não apenas pelo apelo visual, mas também por suas propriedades que podem trazer vantagens para sua aplicação, como a fácil biodegradação entre outros. Essas especificidades podem vir a ser uma vantagem, como citado anteriormente, mas também uma desvantagem diante de uma determinada aplicação:

Os plásticos, no geral, são maleáveis, mas de difícil biodegradação. Os metais e vidros são recicláveis, mas requerem um alto consumo energético para tal propósito. Já a maioria dos papéis apresenta baixa resistência a líquidos e

demanda tratamentos, assim como a adição de outros substratos que melhorem a sua performance neste quesito (NEGRÃO; CAMARGO, 2008, p.215).

Cada material possui uma série de propriedades específicas, especialmente nos campos técnicos e científicos, como principais estão: maleabilidade, flexibilidade, resistência, dureza, condutividade e expansão térmica, rigidez, inflamabilidade e permeabilidade, entre outros. Para avaliar essas características, é necessário usar uma terminologia precisa, além de testes e ensaios que sigam padrões e normas definidas por órgãos e instituições competentes.

3.4. EMBALAGENS PARA ARTEFATOS DE VALOR SIMBÓLICO: ANÁLISE DE SIMILARES

Embalagens projetadas para ocasiões específicas desempenham um papel crucial na expressão dos significados desejados, e na experiência do usuário com o artefato embalado. Assim, a estética, a funcionalidade e os elementos visuais da embalagem podem evocar emoções e criar uma conexão emocional com quem a recebe. Essa conexão emocional é crucial, pois gera sentimentos positivos que podem ser associados ao produto e à marca a longo prazo. A experiência de abrir a embalagem, feita especialmente para ocasiões especiais ou celebração de momentos significativos, pode ser um momento memorável que reforça o vínculo entre a pessoa e o produto.

Esses artefatos de valor simbólico são cuidadosamente concebidos para atender expectativas e às necessidades emocionais de situações que marcam a vida das pessoas. Por exemplo, kits de condolências são frequentemente utilizados em funerais para oferecer conforto e apoio às famílias enlutadas, contendo itens como velas, cartas de homenagem e flores. Em celebrações de nascimento, kits especiais podem incluir roupinhas de bebê, produtos de higiene e lembranças personalizadas para os novos pais. Datas comemorativas pessoais, como aniversários e bodas de casamento, também inspiram a criação de embalagens e kits que ajudam a marcar essas ocasiões com presentes personalizados, cartões e mimos temáticos. Além disso, kits de casamento frequentemente apresentam uma combinação de presentes úteis e sentimentais, como

taças gravadas, álbuns de fotos e itens de decoração. Esses exemplos ilustram como as embalagens e kits para artefatos de valor simbólico são essenciais para enriquecer a experiência emocional e criar memórias afetivas.

A pesquisa que originou as primeiras ideias deste trabalho envolveu a análise de embalagens de kits e caixas, utilizadas como presentes em momentos sensíveis, como por exemplo, a perda de alguém importante. Esta análise das embalagens e dos conteúdos desses kits foi fundamental para inspirar e moldar as propostas desenvolvidas neste projeto.

A seguir, serão apresentadas algumas embalagens (Figuras 40, 41 e 42) que de certo modo se assemelham a categoria de produto aqui estudada, e que serviram como referência para o desenvolvimento deste projeto. A análise incluiu a descrição das características dessas embalagens e o detalhamento dos itens presentes no seu interior sob o ponto de vista conceitual, estrutural e comunicacional. Foi investigada a importância e os significados de cada componente, bem como o motivo de sua inclusão específica em cada kit. Essa abordagem permitiu compreender melhor as escolhas feitas e como elas contribuem para oferecer conforto e apoio em momentos de luto.

Figura 40 | Caixa de empatia.



Fonte: (NATURAL SUCCULENTS, 2024).

A) Embalagem 1: Caixa de Empatia Natural Succulents

Produto: Kit de empatia (montado para demonstrar simpatia a alguém que está passando por um momento delicado);

Linguagem: O foco do kit é transmitir uma mensagem de cuidado e apoio emocional, com itens que evocam sentimentos de paz e tranquilidade, fazendo isso também através das cores, elementos gráficos e estampas usadas;

Pontos Positivos: Possui uma identidade visual leve e tranquila, que constrói uma conexão emocional com quem recebe; boa contenção dos itens;

Pontos Negativos: Uso de planta natural, diminuindo assim a vida útil da mesma, além de aumentar o risco de danos durante o seu transporte; sem embalagem de transporte.

A) Especificações da embalagem

Tipo de embalagem: caixa pré-montada, peça única, com fechamento e montagem de encaixe, sem uso de cola, fitas ou grampos.

Formato e dimensões: caixa retangular, pesando 2 kg, medindo 8 × 6 × 3 cm

Materiais utilizados: papel, metal, cerâmica.

Acabamentos especiais: faca de corte, impressos, estampa

Itens internos: 1 vaso de cerâmica com planta succulenta natural; 1 vela aromatizada em embalagem de metal; 1 caixa de fósforo em caixa de papel

Tipo(s) de acomodação(ões) dos itens internos: papel picotado.

Presença de identidade visual: sim.

Conclusões

A estrutura da embalagem consiste em uma caixa de papelão resistente, que acomoda todos os itens de maneira organizada. Os itens posicionados estão em uma cama de enchimento (como papel ou tiras de papel) para proteger e manter a estética do conjunto. A escolha dos itens enfatiza o autocuidado e proporciona uma experiência sensorial e reconfortante, para quem recebe. A mensagem escrita no cartão, com sua tipografia cursiva, remete ao toque emocional e adiciona um toque pessoal, reforçando a empatia e o apoio durante um momento delicado. embalagem e seus elementos gráficos utilizam uma paleta de cores suaves, com predominância das cores rosa, lilás e verde, em tons pastéis. As ilustrações florais encontradas em todo o kit, harmonizam com o propósito de simpatia e compaixão, criando um visual delicado e acolhedor. O layout geral da embalagem é visualmente limpo, permitindo que o foco permaneça nos itens dentro do kit.

Figura 41 | Caixa de condolências.



Fonte: (AMAZON, 2024).

B) Embalagem 1: Caixa de Condolências MystGifder

Produto: Kit de conforto (montado com o propósito de demonstrar empatia e oferecer apoio a alguém em períodos difíceis).

Linguagem: Serve como uma forma tangível de prestar assistência, oferecendo itens que promovem o relaxamento, auto cuidado e conforto em um momento difícil.

Pontos Positivos: A tonalidade marrom do papel Kraft (caixa e acessório interno) evoca uma ideia de produto artesanal e feitos a mão, o que pode agregar valor emocional ao kit; itens internos bem acomodados; possibilidade de item personalizável.

Pontos Negativos: Falta de mensagem receptiva, ou instruções já que o kit tem muitos itens; sem embalagem de transporte.

Especificações da embalagem

Tipo de embalagem: caixa pré-montada, peça única, com fechamento e montagem de encaixe, sem uso de cola, fitas ou grampos.

Formato e dimensões: caixa retangular, pesando 2 kg, medindo 8 × 6 × 3 cm.

Materiais utilizados: papel, metal, cerâmica, vidro e tecido

Acabamentos especiais: faca de corte, impressos, estampa

Itens internos: 1 pacote de chá natural; 1 agitador de mel; 1 Vela de soja/coco; 1 colher filtro para chá de aço; 1 loção de lavanda; 1 pacote de sais de banho; 1 protetor labial; 1 caneca de cerâmica de com mensagem personalizada.

Tipo(s) de acomodação(ões) dos itens internos: papel picotado.

Presença de identidade visual: Não.

Conclusões

A estrutura da embalagem consiste em uma caixa de papelão resistente, que acomoda todos os itens de maneira organizada. Os itens posicionados estão em uma cama de enchimento (como papel ou tiras de papel) para proteger e manter a estética do conjunto. A escolha dos itens, oferece a combinação perfeita de autocuidado e relaxamento. A mensagem personalizada impressa na caneca, reforça o toque pessoal, reforçando a empatia e o apoio durante um momento delicado. Apesar da embalagem não ter um padrão cromático estabelecido, a escolha da textura kraft, transmite uma aparência natural e artesanal, como algo feito à mão, o que é ideal quando se quer transmitir calma e acolhimento.

4. METODOLOGIA

No campo do design de embalagem, é possível encontrar diversos autores que abordam métodos particulares, com metodologias que são geralmente estruturadas em fases, e grande parte das suas microestruturas e ferramentas são pertinentes tanto no desenvolvimento do projeto formal-estrutural, quanto do projeto gráfico-visual. Para este trabalho, foram estudadas algumas metodologias de design, com estruturas e etapas distintas que podem facilitar o “processo” de design. Dentre elas, destacaram-se os métodos de Lincoln Seragini e Fabio Mestriner, pelo foco no planejamento estruturado e; direcionamento ao projeto de modelagem da estrutura da embalagem, permitindo, aqui, a proposição de uma metodologia híbrida capaz de atender às especificidades do presente projeto. Segundo Seragini (1978), um processo bem planejado e seguido de forma sistemática aumenta significativamente as chances de sucesso da embalagem e, por consequência, do produto no mercado. Já Mestriner (2002), destaca que o processo deve integrar aspectos funcionais, estéticos e estratégicos para atender às necessidades do consumidor, do mercado e da produção. Assim, analisamos as duas (02) metodologias ligadas a este projeto, que estão esquematizadas a seguir (Figuras 43 e 44):

Figura 43 | Método desenvolvido por Lincoln Seragini.

MÉTODO SERAGINI		
1	IDENTIFICAÇÃO DO TIPO DE DESENVOLVIMENTO	DEFINIÇÃO DE PROBLEMAS A SEREM SOLUCIONADOS, OBJETIVOS QUE SERÃO ALCANÇADOS E CONCEITOS QUE SERÃO DESENVOLVIDOS.
2	PLANEJAMENTO PRELIMINAR	DESENVOLVIMENTO DE UMA CHECKLIST DIVIDIDA EM DUAS PARTES: UMA PARTE DE CARÁTER TÉCNICO E A OUTRA DE CARÁTER MERCADOLÓGICO.
3	DESENVOLVIMENTO ESTRUTURAL	PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO EMBALAGEM, ETAPA QUE ENVOLVE MATERIAIS E CARACTERÍSTICAS FÍSICO-QUÍMICAS.
4	DESENVOLVIMENTO FORMAL E GRÁFICO	PROCESSO GRÁFICO E INFORMACIONAL DA EMBALAGEM, QUE ENVOLVE A COMUNICAÇÃO VISUAL, IDENTIDADE DA MARCA E ESTRATÉGIAS DE MARKETING.
5	IMPLANTAÇÃO	DEFINIÇÃO DE ESPECIFICAÇÕES, CARACTERÍSTICAS E PROPRIEDADES DOS MATERIAIS EMPREGADOS, VISANDO A SUA APROVAÇÃO PELO PRINCIPAL CLIENTE.
6	EMBALAGEM OPERANDO	O PROJETO DE EMBALAGEM É IMPLEMENTADO, SENDO NECESSÁRIAS REAVALIAÇÕES CONSTANTES PARA CORRIGIR POSSÍVEIS FALHAS.
7	AValiação e correção de falhas	IMPLEMENTAÇÃO DE UM MÉTODO CONSTANTE DE AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO, A FIM DE IDENTIFICAR E CORRIGIR FALHAS DA EMBALAGEM AO LONGO DO TEMPO.

Fonte: (AUTORA, 2024).

Figura 44 – Esquemática do método proposto por Mestriner.



Fonte: (AUTORA, 2024) - Adaptado (MESTRINER, 2004, p. 41).

Apesar das etapas metodológicas indicadas pelos autores servirem como base, algumas adaptações foram necessárias para a pesquisa. Assim, ferramentas e métodos propostos por Seragini e Mestriner foram revisados, incorporados, descartados e/ou mesclados, passando a atender de forma mais eficaz às demandas e objetivos do presente trabalho. Essas adaptações foram fundamentais para alinhar o método ao escopo do estudo e garantir resultados mais objetivos, de maneira mais eficiente, aumentando as chances de se atender as necessidades e expectativas do público-alvo, com a solução final proposta.

A metodologia projetual apresentada por este trabalho, está dividida em seis (06) fases: análise do briefing e requisitos e parâmetros do projeto; estudos preliminares, com geração de esboços; geração de alternativas e escolha da alternativa; validação da alternativa escolhida; aprimoramento e refinamento da alternativa, com suas subfases (materiais utilizados, formato e estrutura física e projeto gráfico), e como última fase, as especificações técnicas e valores de produção.

A **análise do briefing e requisitos e parâmetros do projeto** servem para identificar os principais problemas, realizar um mapeamento das necessidades, obtendo insights e informações essenciais e, definir o que a embalagem final precisa alcançar, para se dar início ao projeto. Esta etapa pode ser feita a partir de entrevistas e/ou aplicação de formulário com os familiares e idealizadoras do projeto, e análise de similares.

A próxima etapa trata-se de **estudos preliminares com geração de esboços**, essencial para explorar ideias iniciais e testar soluções criativas de forma rápida. Nessa fase, são desenvolvidos e rascunhos que traduzem conceitos e diretrizes definidas nas etapas anteriores em possibilidades visuais e estruturais. Essa abordagem permite

investigar diferentes formas, materiais, núcleos, gráficos e funcionalidades antes de avançar para o desenvolvimento mais detalhado. Os esboços facilitam a comunicação e o alinhamento de ideias entre as partes interessadas, permitindo uma análise crítica e ajustes antes de investir tempo e recursos em protótipos mais elaborados.

Logo depois, vem a etapa de **geração de alternativas e escolha da alternativa** onde são desenvolvidas múltiplas opções que variam em aspectos como forma, material, gráficos, usabilidade e custo, mas que apesar de diferentes ou parecidas entre si, ainda atendam todos os requisitos estabelecidos anteriormente. Em seguida, essas alternativas são avaliadas e comparadas com base em critérios específicos, através de ferramentas de gestão de projetos em design, utilizadas para facilitar a avaliação e a escolha da melhor alternativa. O objetivo é selecionar a solução que melhor atenda às demandas do projeto e às expectativas dos familiares e envolvidos.

Durante a fase de **validação da alternativa escolhida** há a confirmação se a solução definida atende de maneira satisfatória aos requisitos e objetivos propostos para o projeto. Esta etapa busca analisar se a proposta é compatível com as expectativas dos familiares e envolvidos, e esse processo envolve coletar feedbacks através de pesquisas qualitativas, a fim de avaliar sua eficácia em todos os seus aspectos físicos, funcionais e gráficos.

O **aprimoramento e refinamento da solução final** é a fase de ajustes, levando em conta todas as pontuações e observações feitas na etapa anterior pelo público-alvo, nesse caso os familiares, com o objetivo de melhorar usabilidade, estética e desempenho do produto proposto, considerando também custos e processos de fabricação. Após consolidar a solução detalhada e definitiva, eliminando inconsistências e garantindo que o produto final seja entregue, são descritos os materiais que foram utilizados, o formato e a estrutura física do produto e o seu projeto gráfico.

Chegando ao fim da metodologia, encontra-se a fase de **especificações e valores**

de produção onde são descritos as especificações técnicas e gráficas, custos totais, garantindo que o projeto de embalagem não seja apenas visualmente atraente e funcional, mas também viável do ponto de vista econômico e técnico, preparando-o para a produção em escala.

Como dito anteriormente, as metodologias citadas acima foram usadas como guias para o desenvolvimento deste trabalho, em conjunto com ferramentas oriundas do design, como por exemplo a matriz de posicionamento e o *brainstorming*, para complementar melhor o projeto de embalagem, para um artefato constitucional que desempenhe funções práticas e simbólicas.

5. APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Os resultados apresentados a seguir são consequência das metodologias aplicadas durante este trabalho. Cada etapa levou a um ponto específico da pesquisa, estabelecendo requisitos para o desenvolvimento do artefato. Durante esse processo metodológico, foi possível identificar as principais lacunas emocionais, funcionais e informacionais dos familiares dos homenageados. Essas informações serviram como base para orientar o desenvolvimento do projeto atual, garantindo que o resultado final atendesse às necessidades reais de quem iria utilizá-lo.

Interagir diretamente com as pessoas que estiveram presente durante a cerimônia de plantio e ouvir suas opiniões, contribuiu para elencar os pontos positivos e negativos do artefato desenvolvido e compreender sua importância para o grupo. Iniciando a primeira etapa da metodologia, foi utilizada uma ferramenta de design – desenvolvimento do *briefing* - que trata da coleta de dados preliminares, identificação de lacunas e necessidades.

O *briefing*, que é um documento que serve como um guia, reunindo as principais informações, objetivos, expectativas, restrições e contexto do projeto, serviu como ponto de partida para o desenvolvimento do artefato desenvolvido neste trabalho. Com ele foi possível orientar inicialmente o processo criativo de forma clara e objetiva, garantindo o alinhamento entre designer (autora) e os objetivos do projeto. Este documento foi aplicado em umas das entrevistas com os familiares, em formato de questionário, conforme Tabela 6 abaixo:

Tabela 6 | Briefing do projeto.

Briefing - Projeto de Design de Embalagens	
Informações Gerais do Projeto	
Nome do Projeto/Produto	Embalagem bosque em defesa da vida
Descrição do Projeto/Produto	Artefato institucional de comunicação entre a universidade e os familiares dos homenageados do projeto “bosque em defesa da vida”

Cliente	UFAL
Público-alvo	Familiares das vítimas
Objetivo	Criar algum produto de design, de modo que essa peça funcione como ponte entre a instituição (UFAL) e as famílias das vítimas
Problemas/necessidades	Ferramenta de apoio durante as etapas do ritual com o intuito de diminuir Lacunas emocionais; Instruções sobre o novo plantio; Objeto tangível que simbolize a cerimônia; Algo que aproxime os familiares da universidade
Expectativas gerais (designerxfamiliares)	Que o artefato sane as lacunas identificadas
Público-alvo	Familiares das vítimas homenageadas
Palavras chaves	Homenagem - Memória
Quantidade	Para todos os familiares (140 famílias)
Data limite/prazo	Até a primeira semana de dezembro (2024)
Custos	Inicialmente, até R\$ 150,00

Fonte: (AUTORA, 2024).

A construção do briefing de design de embalagem ajudou a compreender as necessidades do projeto e os objetivos a serem realizados. Durante a análise do briefing, foram encontrados diversos pontos essenciais que orientaram o desenvolvimento do projeto. Esses insights serviram como base para a geração de alternativas que contemplassem não apenas lacunas informativas, mas também emocionais.

No entanto, para mapear as principais necessidades, e expectativas que o projeto deveria atender, foi desenvolvida a tabela de **requisitos e parâmetros** que sintetizou os principais dados coletados, transformando-os em diretrizes claras para o desenvolvimento do projeto. Essas diretrizes foram alinhadas com os familiares durante a fase de coleta de dados, como com a análise de similares, garantindo que os critérios alcançados refletissem as necessidades reais do público-alvo e os objetivos propostos. Com essa estrutura, o próximo passo do projeto envolveu traduzir essas especificações em ideias, garantindo que o resultado atendesse tanto às expectativas práticas quanto às simbólicas do projeto, no intuito de entregar um produto emocionalmente impactante, mas que cumpra todos os aspectos funcionais. Na Tabela

7 foram listados todos os requisitos e parâmetros do projeto em ordem crescente de relevância.

Tabela 7 | Requisitos e parâmetros do projeto.

	REQUISITOS	PARÂMETROS
1	Facilitar o transporte e armazenamento seguro do produto a ser entregue.	Embalagem resistente e fácil, feita de material durável.
2	Proporcionar suporte emocional aos familiares durante o ritual.	Inclusão de itens simbólicos, com design especial e personalizado.
3	Garantir clareza e acessibilidade das informações sobre o projeto.	Desenvolvimento de um release informativo com linguagem clara, tipografia legível e visualização gráfica intuitiva.
4	Criar uma conexão simbólica com o espaço memorial, contribuindo para a memória afetiva dos familiares.	Produção de itens simbólicos com materiais de longa durabilidade, que eternize a conexão do memorial com os familiares.
5	Criar identidade para representar visualmente o projeto do Bosque em Defesa da Vida	Uso de uma identidade visual consistente com o tema do projeto, garantindo que ela transmita significado emocional.
6	Garantir que a embalagem seja funcional.	Embalagem com estrutura que acomoda todos os itens de forma organizada, protegendo-os e criando uma experiência sensorial ao ser aberto.
7	Reforçar a conexão entre a UFAL e as famílias das vítimas.	Elementos gráficos e/ou textuais no produto que destacam a presença e/ou apoio da instituição.
8	Ser um recurso acessível para diferentes perfis de usuários.	Utilização no produto, de conteúdo que respeitem diferentes perfis, garantindo inclusão.

Fonte: (AUTORA, 2024).

Com os requisitos e parâmetros definidos, o projeto avançou para a etapa de **estudos preliminares com geração de esboços**, essencial para transformar as diretrizes em ideias tangíveis. Os estudos preliminares tiveram como ponto de partida a definição estrutural dos itens internos, considerando que a seleção e configuração desses elementos seriam determinantes para a escolha e o desenvolvimento da embalagem de contenção.

Considerando os dados levantados sobre as religiões com presença mais expressiva no estado de Alagoas, a escolha dos itens que fariam parte do artefato desenvolvido neste projeto foi realizada de forma criteriosa. Assim, levou-se em consideração o amplo acervo de pessoas que participaram do projeto em 2012, na primeira cerimônia de plantio, levando-nos a refletir sobre a diversidade religiosa que poderia estar presente entre o grupo. Portanto, foi de suma importância considerar os dados do IBGE para identificar as religiões mais expressivas no estado de Alagoas, com a alta probabilidade de que essas mesmas religiões estivessem representadas entre os familiares participantes do evento no Bosque.

Ao entender essa possível distribuição religiosa entre aquelas pessoas presentes na cerimônia, foi possível selecionar os símbolos que fossem representativos e significativos para as principais tradições religiosas identificadas anteriormente, garantindo que o futuro artefato atendesse às necessidades espirituais e emocionais de todos os familiares, sendo capaz de proporcionar conforto e significado, respeitando as particularidades de cada tradição religiosa de seus rituais fúnebres.

Outro importante critério levado em consideração foi a seleção de símbolos que não apenas representassem cada religião específica, mas também aqueles que são muito comuns ou que aparecem simultaneamente na maioria dessas cerimônias religiosas. Isso inclui elementos universais de conforto e memória, como velas, que simbolizam luz e esperança ou/e mensagens de condolências, que oferecem palavras de consolo e expõem sentimentos (Tabela 2, p.40).

Portanto, de acordo com os estudos sobre o projeto "Bosque em Defesa da Vida", considerando que a cerimônia de plantio para muitos familiares marcou o fim de um ciclo e a transição de uma pessoa para outro plano, servindo como um rito de passagem ligado a morte, foi essencial ver na literatura os principais objetos que acompanham esse tipo de rito de passagem (capítulo 2.1.1.), de modo a integrá-los durante o desenvolvimento do produto proposto neste trabalho. Após essa revisão

literária e com base em resultados de análises, foram elencados os itens mais recorrentes em rituais fúnebres, nas religiões estudadas (capítulo 2.1.1.), que foram: velas, flores ou espécies herbáceas, e cartas de condolências. Antes de iniciar a fase esboços das alternativas, foi utilizada uma pesquisa *desk*, a fim de identificar modelos e referências de itens similares que atendessem aos tipos de objetos previamente definidos. De acordo com os dados levantados, iniciou-se a investigação de possíveis soluções e, a partir dessa análise, os estudos avançaram com a criação de esboços feitos à mão, explorando ideias iniciais e possibilidades de design alinhadas aos objetivos do projeto.

Os esboços preliminares foram gerados (Figura 45), permitindo uma análise detalhada de cada alternativa. Durante esta etapa, foram identificados pontos fortes e limitações (Tabela 8) que serviram como base para orientar a etapa de validação do projeto. Essa avaliação crítica possibilitou uma compreensão mais clara do potencial de cada proposta e das áreas que precisam ser revistas e/ou melhoradas.

Figura 45 | Esboços preliminares do projeto.



Fonte: (AUTORA, 2024).

Tabela 8 | Descrição dos esboços preliminares.

1	2	3	4
DESCRIÇÃO			
Itens separados em 2 embalagens de transporte: a primeira embalagem é uma bolsa que carrega a planta e a carta de condolência, ambos soltos. Já a segunda é	Itens reunidos em uma caixa, onde em um lado (visível) vai o vaso para plantação encaixado em um berço vertical de acomodação, e no outro (fechado) vai o	Itens reunidos em uma caixa maleta com fechamento magnético, vela e planta deitado sob enchimento de papel picotado, e carta de condolências solta	Caixa maleta, com berço de acomodação para o vaso e a planta, e carta de condolências solta dentro da caixa.

uma caixa maleta com abertura frontal e berço de acomodação, que carrega a vela.	restante dos itens: vela, semente para a plantação e carta de condolências, ambos soltos.	dentro da caixa.	
PONTOS FORTES			
Embalagens de transporte;	Embalagem de contenção;	Embalagem de contenção; Tampa/fechamento; Acessório interno para acomodação dos itens; Release informacional interno na tampa;	Embalagem de transporte e contenção; Tampa/fechamento; Acessório interno para acomodação dos itens;
LIMITAÇÕES			
Itens separados em embalagens diferentes; Falta de embalagem de contenção; Falta de instrumentos para a escrita; Itens soltos; Planta natural, sujeita a danos; Planta natural, necessidade de cuidados;	Falta de embalagem de transporte; Itens soltos; Falta de instrumentos para a escrita; Planta natural, sujeita a danos; Planta natural, necessidade de cuidados;	Falta de embalagem de transporte; Itens soltos; Falta de instrumentos para a escrita; Planta natural, sujeita a danos; Planta natural, necessidade de cuidados;	Itens soltos; Falta de instrumentos para a escrita; Planta natural, sujeita a danos; Planta natural, necessidade de cuidados;

Fonte: (AUTORA, 2024).

Após a apresentação dos esboços iniciais, tornou-se essencial adotar uma abordagem analítica para identificar as alternativas mais promissoras que apoiasse o processo de decisão. Para isso, foi utilizada a matriz de posicionamento (Tabela 9), uma ferramenta que permitiu avaliar e comparar as opções com base em requisitos previamente estabelecidos. Por meio dessa matriz, foi possível elencar as melhores alternativas, considerando suas características funcionais, informacionais e simbólicas, garantindo uma análise estruturada e estratégica para avanço no projeto.

Tabela 9 | Matriz de posicionamento com os requisitos da embalagem.

Requisitos/Alternativas	1	2	3	4
-------------------------	---	---	---	---

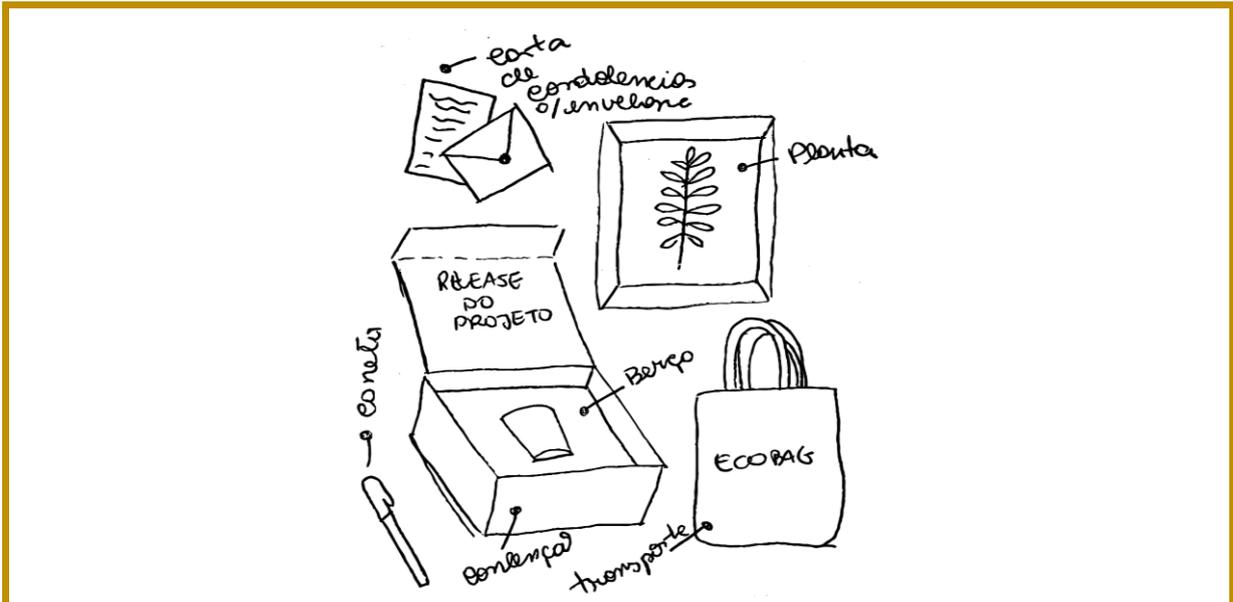
<u>Funcionalidade</u> Capacidade de atendimento às funções práticas do projeto, como transporte, armazenamento e organização dos itens.	1	2	2	3
<u>Simbologia</u> Potencial de transmitir significado emocional e conexão com o memorial.	3	3	3	3
<u>Elementos informacionais</u> Diretrizes sobre a cerimônia de plantio e instruções sobre todas as suas etapas	0	0	3	3
<u>Clareza</u> Facilidade de compreensão das informações e mensagens do projeto.	1	1	3	3
<u>Durabilidade</u> Resistência e longevidade dos componentes, como embalagens e itens simbólicos.	2	2	1	3
<u>Intuitividade</u> O quão fácil e intuitivo é a embalagens, considerando aspectos como abertura, acesso aos itens, garantindo uma experiência sem dificuldade	1	1	3	3
Total	8	9	15	18
<u>PESOS:</u> Atende 0-3 pontos; Atende parcialmente 0-2 pontos; Atende pouco 0-1 pontos; Não atende 0.				

Fonte: (AUTORA, 2024).

Com base na quantidade requisitos atendidos, as opções mais promissoras foram a 03 e a 04. Considerando que essas características poderiam se complementar, o próximo passo foi desenvolver uma nova alternativa que integrasse os melhores elementos de ambos os esboços, resultando na alternativa 01 (Tabela 10).

Tabela 10 | Descrição da alternativa 1.

ALTERNATIVA 01



DESCRIÇÃO DA ALTERNATIVA

Ecobag - Embalagem de transporte;

Folha moldurada - Mesma espécie herbácea da muda plantada pelo familiar do homenageado, item simbólico;

Caixa - Embalagem de contenção com acessório interno de acomodação dos itens (berço);

Vela - Item a acomodar-se no acessório interno da embalagem de contenção;

Caneta - Instrumento para escrita;

Carta de Condolências - Para o familiar preparar homenagens para a cerimônia de plantio.

PONTOS FORTES

Embalagem de transporte e contenção;

Embalagem de contenção com tampa;

Release na parte interna da tampa;

Objetos internos, unidos em uma única embalagem;

Berço de acomodação para a vela;

Caneta para a escrita das homenagens na carta de condolência;

Espécie herbácea desidratada, tornando-se um item de longa duração;

Espécie herbácea moldurada, tornando-se também, um objeto decorativo;

Carta de condolências com envelope.

LIMITAÇÕES

Caneta, sem acomodação dentro da caixa;

Dependendo da espécie herbácea plantada pelo familiar no dia cerimônia, a folha da planta pode ser muito grande, impossibilitando atender todos os familiares.

Fonte: (AUTORA, 2024).

Com a conclusão da etapa de geração de alternativas e escolha da alternativa, na qual foi elaborada a proposta com base nos requisitos e parâmetros do projeto, o processo avançou para a etapa de **validação da alternativa escolhida**. A validação foi

realizada com base em uma proposta intangível, ou seja, um modelo conceitual apresentado aos familiares para coleta de feedbacks e identificação de possíveis melhorias. Essa abordagem estratégica permitiu antecipar ajustes e otimizações antes da produção de um modelo físico ou protótipo, economizando tempo e recursos. Alterações realizadas diretamente em um modelo físico já finalizado poderiam exigir semanas para serem feitas, além de implicar em custos adicionais significativos. Ao trabalhar inicialmente com um conceito intangível, evitou-se o desperdício de materiais e esforços, garantindo um processo mais eficiente e alinhado às expectativas do público-alvo.

Esse modelo intangível, apesar de ainda estar em fase de validação, já apresentou ideias iniciais e esboços relacionados à parte gráfica do projeto, como propostas de nomenclatura, paleta de cores, elementos visuais e tipografias, que foram desenvolvidas paralelamente à etapa de estudos preliminares com geração de esboços, a fim de servir como referencial visual e que foram apresentadas na próxima etapa (aprimoramento e refinamento da solução final).

Para garantir que a solução final atendesse às necessidades e expectativas dos familiares, foi aplicado um questionário virtual, com recursos visuais e descritivos que representaram o design da embalagem de forma clara e detalhada, incluindo fotos e mockups digitais que simularam ao máximo a aparência e funcionalidade a serem alcançadas. Permitindo obter feedback direto sobre a ideia da proposta, essa abordagem garantiu que a validação fosse fundamentada em percepções reais do público-alvo.

Após a aplicação do questionário e a coleta das respostas, que, de maneira geral, foram bastante satisfatórias, alguns pontos de melhoria foram destacados pelos familiares, contribuindo para o refinamento do projeto:

1. Item simbólico mais compacto e portátil:

- a. Os familiares sugeriram substituir a folha moldurada por algo mais compacto, mantendo o simbolismo e a estética natural, já que nem todos

disponibilizaram de espaço nas paredes de suas casas para exibir o item. Além disso, muitos expressaram o desejo de ter um objeto simbólico que pudesse carregar consigo.

2. **Organização interna aprimorada:**

- a. Foi apontada a necessidade de acomodar a caneta e o item simbólico em um suporte interno (berço) dentro da embalagem de contenção, assim como a vela, evitando que fiquem soltos tanto dentro quanto fora da caixa, garantindo maior organização e proteção.

3. **Item personalizável com informações do homenageado:**

- a. A inclusão de uma placa ou cartão com a foto do homenageado e informações básicas foi sugerida, funcionando como um elemento personalizável, semelhante a uma lápide memorial, mas com uma abordagem mais sensível e adequada ao contexto.

Esses feedbacks apontaram orientações claras para ajustes no design e funcionalidade dos itens, reafirmando a importância de um processo de validação centrado no público-alvo.

A próxima etapa tratou do **aprimoramento e refinamento da solução final**, de modo que foram feitos ajustes e refinamentos dos aspectos ainda incompletos ou pendentes.

A primeira alteração foi a substituição da folha moldurada por um novo item simbólico mais compacto e portátil. O processo de investigação foi feito baseado em um conjunto de critérios a serem atendidos, que foram:

- Durabilidade: capacidade dos objetos de preservação de seus elementos simbólicos e funcionais ao longo do tempo;
- Leveza: Um objeto que transmita os valores do projeto de forma leve e sensível.

- Simbólico: trazer algo da espécie arbórea plantada no dia da cerimônia.

Baseados nestes critérios, durante a pesquisa foram escolhidas duas opções (Tabela 11):

Tabela 11 | Opções de objetos simbólicos.

Opção 1	Opção 1	Opção 1
		
Descrição		
Chaveiro com folha da planta resinada.	Luminária com planta resinada.	Semente/grão resinados.

Fonte: (AUTORA, 2024).

Após a seleção das alternativas, foi utilizada a matriz de posicionamento (Tabela 12), para avaliar, comparar as opções e eleger a que mais contemplava os critérios estabelecidos pelos familiares.

Tabela 12 | Matriz de posicionamento para as opções de objetos simbólicos.

Requisitos/Alternativas	Opção 1	Opção 1	Opção 1
Compacto	3	2	3
Portátil	3	0	3
Simbólico	3	3	3
TOTAL	9	5	9
<u>PESOS:</u> Atende 0-3 pontos; Atende parcialmente 0-2 pontos; Atende pouco 0-1 pontos; Não atende 0.			

Fonte: (AUTORA, 2024).

Com base na quantidade de requisitos atendidos, as opções mais promissoras foram a 01 e a 02. Considerando que essas características poderiam se complementar, o próximo passo foi desenvolver uma nova alternativa que integrasse os melhores

elementos de ambas as opções, resultando na alternativa da Figura 46 abaixo:

Figura 46 | Esboço do objeto simbólico.



Fonte: (AUTORA, 2024).

O refinamento do item simbólico indicado atendeu tanto às diretrizes do projeto quanto às sugestões de melhoria apresentadas pelos familiares. O novo formato, desenvolvido como um chaveiro, combina praticidade, simbolismo e durabilidade. Compacto e portátil, o chaveiro permite que os familiares carreguem consigo uma representação tangível do momento vivenciado na cerimônia, preservando o vínculo emocional com o homenageado. Ele contém uma semente encapsulada em resina cristalina, proveniente da espécie arbórea plantada durante o ritual no Bosque em Defesa da Vida.

A escolha pela semente em vez de folhas ou ramificações da planta baseia-se nos seguintes fatores:

1. **Diversidade de espécies nativas:** As espécies escolhidas pelas idealizadoras

para o plantio variam amplamente em tamanhos e características, dificultando a padronização do uso de folhas ou partes maiores, como no caso do Ouricuri, uma palmeira cuja folha apresenta dimensões consideráveis.

2. **Viabilidade técnica:** Resinar sementes é mais prático e garante a durabilidade e uniformidade do item, independentemente da espécie escolhida para o plantio.
3. **Personalização simbólica:** cada chaveiro contém a semente específica da árvore ou espécie herbácea plantada pelo familiar na cerimônia, tornando-o um item único e profundamente significativo para cada participante.

Essa solução reafirma o valor simbólico do objeto, atendendo aos requisitos de funcionalidade, estética e conexão emocional, ao mesmo tempo que resolve os desafios técnicos apresentados pela diversidade das espécies nativas utilizadas no projeto. Logo, com a definição da semente resinada como o elemento central do item simbólico, iniciou-se a investigação de meios para transformar essa ideia em um objeto tangível e funcional. Foram explorados materiais, técnicas de encapsulamento e acabamentos que asseguravam a preservação da semente e proporcionavam um visual moderno e alinhado ao conceito do projeto. Durante essa investigação, contatou-se a inviabilidade de produção do objeto de forma manual pela autora deste trabalho, pois, a confecção deste tipo de objeto demanda de materiais, técnicas e ferramentas específicas, pois a resina epóxi é um material delicado, pois seu uso exige cuidados específicos e uma preparação adequada.

Após buscar orientação de um especialista em resinas específicas para presentes e decoração, foi possível avançar no desenvolvimento do objeto simbólico. Com o técnico necessário, o processo de produção foi cuidadosamente executado, garantindo que o item atendesse aos padrões de qualidade, durabilidade e estética desejados. Por fim, o chaveiro foi produzido, obtendo-se um resultado satisfatório, (Figura 47), consolidando a ideia inicial em um objeto tangível e significativo, capaz de transmitir o simbolismo e a conexão emocional para os familiares dos homenageados.

Figura 47 | Chaveiro de sementes resinadas.

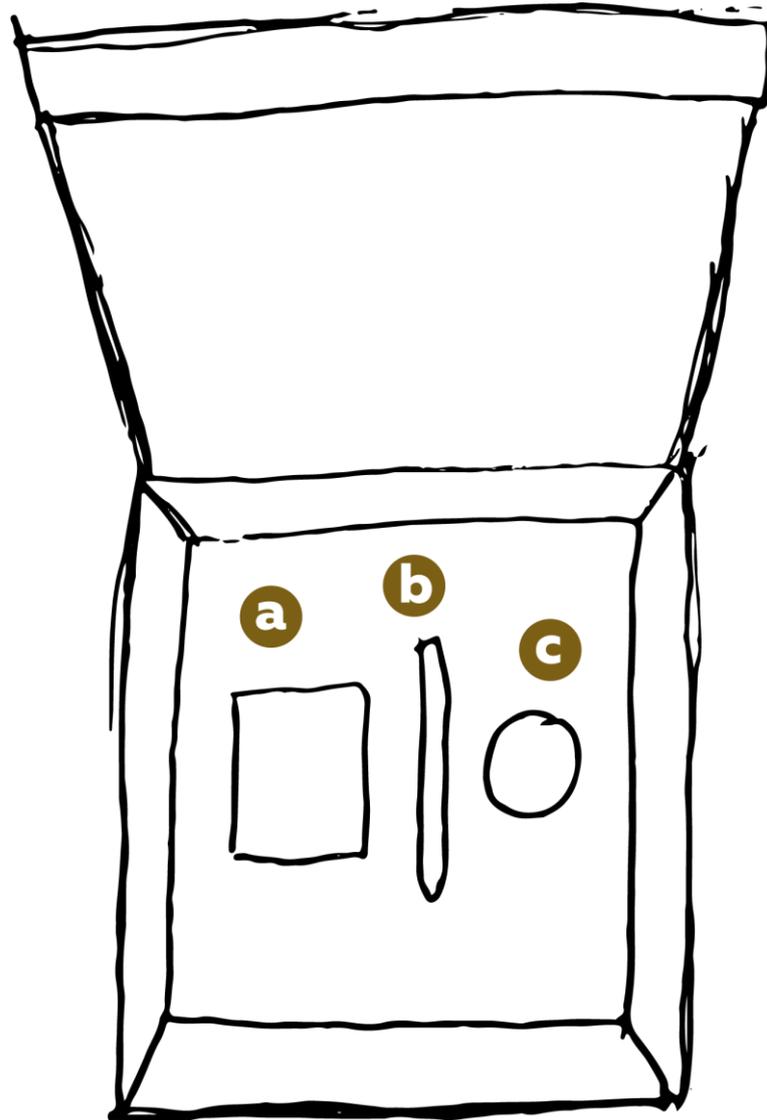


Fonte: (ACERVO DA AUTORA, 2024).

Para o modelo do artefato, que é o protótipo final, foram usadas sementes da craibeira. A escolha da semente desta árvore como elemento simbólico foi fundamentada por motivos que destacam sua relevância cultural, ambiental e simbólica, que serão detalhadas mais à frente.

Dando continuidade ao aperfeiçoamento dos itens, a segunda modificação concentrou-se na disposição dos elementos no acessório interno de acomodação. Foi necessário reconfigurar o berço interno, levando em conta as dimensões e características físicas de cada componente. Esta etapa envolveu o desenvolvimento de uma alternativa que fornecesse suporte adequado para todos os componentes, evitando deslocamentos durante o transporte e facilitando o acesso dos familiares. A ideia para este refinamento foi apresentada no esboço (Figura 48) abaixo:

Figura 48 | Esboço da embalagem de contenção com suas acomodações internas.



Fonte: (AUTORA, 2024).

- (a) Acomodação vela
- (b) Acomodação Caneta
- (c) Acomodação chaveiro

Durante a pesquisa de referências, a prioridade foram cartões memoriais que apresentassem uma abordagem leve e vibrante, utilizando núcleos e elementos visuais que remetesse à vida e às boas lembranças da pessoa homenageada. Essa escolha buscou criar um objeto que, além de informativo, inspirasse conforto e positividade para os familiares, reforçando o propósito de homenagear e preservar a memória. Então a partir de algumas referências encontradas (Figura 49), foi possível criar o cartão memorial da proposta final (Figura 50) que misturou elementos gráficos criados para o projeto, cores e tipografias específicas.

Figura 49 | Referências de cartões memoriais.



Fonte: (AUTORA, 2024).

Figura 50 | Cartão memorial desenvolvido para o projeto.



Fonte: (AUTORA, 2024).

Com todas as alterações finalizadas, a fase de refinamento pôde progredir para o desenvolvimento dos demais componentes da embalagem. Assim, a identidade visual e projeto gráfico, os itens internos como a vela, a caneta e a embalagem de contenção e transporte foram definidas.

A escolha do *naming* foi feita a partir da construção de um *brainstorming* (Figura 51), ferramenta de design usada para geração de ideias, como ferramenta de inspiração. O objetivo foi escolher, da lista de conceitos gerados, as palavras que tivessem relação direta com o projeto “Bosque em Defesa da Vida”, dando origem ao título final do produto.

Figura 51 | *Braintorming* para definição do *naming* do projeto.

Caixa da memória
Verde
Rito
Caixa viva
Caixa da Recordação
Bosque da vida
Floresta da lembrança
Memórias
Jardim
Caixa da vida
Kit celebração
Jornada verde

Tributo Verde
Memórias Verde
Celebração da vida
Florescer da memória
Bosque memorial
Jardim da Resiliência

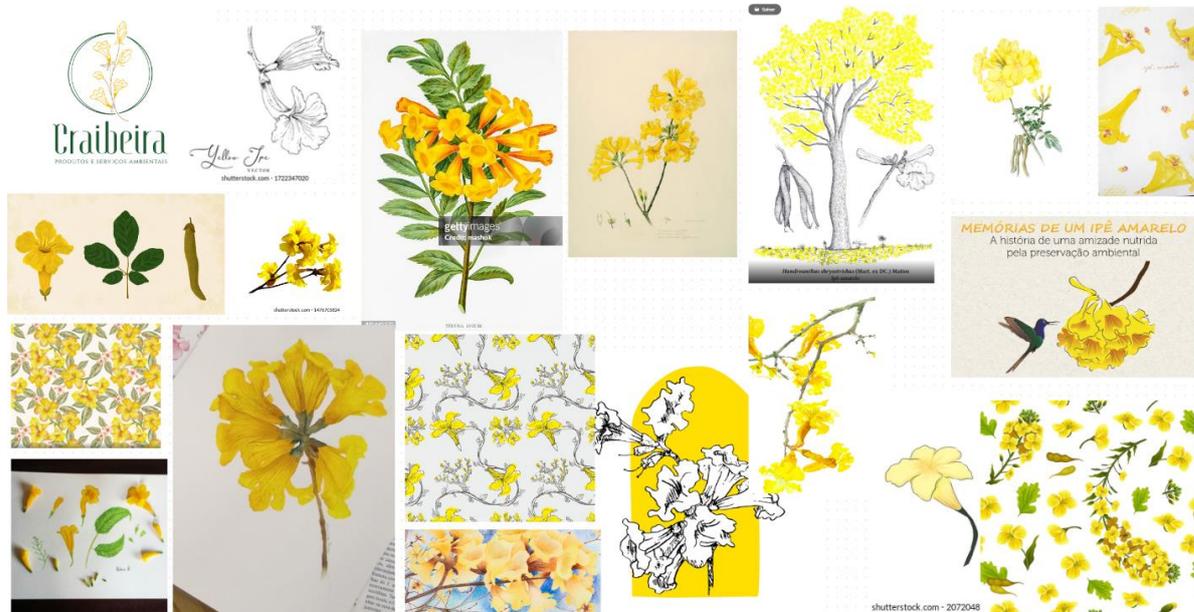
Fonte: (AUTORA, 2024).

A partir das palavras geradas no *brainstorming*, o título "Tributo à Vida" emergiu como a opção que melhor sintetizava a essência do projeto, que foi homenagear as vítimas da violência, celebrando suas memórias e valorizando suas histórias e legados. O termo “tributo” carrega um significado de reconhecimento, enquanto “vida” enfatiza a continuidade, a conexão e a importância de cada indivíduo representado no projeto. Essa escolha foi guiada pela busca de um nome que transmitisse tanto a solenidade do ritual quanto a emoção e o acolhimento envolvido.

Após a definição da forma e título do artefato, iniciou-se o desenvolvimento da parte gráfica do projeto. A construção do *Moodboard* (Figura 52), uma ferramenta de

design, ajudou a definir os elementos gráficos relacionados ao projeto, que puderam vir a ser traduzidos visualmente para a marca e identidade visual do projeto, assim como em suas as embalagens e impressos.

Figura 52 | *Moodboard* desenvolvido para a etapa gráfica do projeto.



Fonte: (AUTORA, 2024).

A craibeira (*Tabebuia aurea*) é uma árvore nativa da Caatinga e amplamente presente no território alagoano, representando a flora local e sua biodiversidade. Em 1985, a craibeira foi institucionalizada como árvore símbolo do estado pelo governador José Tavares Suruagy, por meio do Decreto nº 6.239, de 29 de abril de 1985, reforçando sua importância cultural e histórica para Alagoas (VIVENDOCOMCIÊNCIA, 2012). É uma espécie é comum e abundante dentro do campus da Universidade Federal de Alagoas, o que facilita sua coleta e integração ao projeto. O nome "craibeira" reflete as qualidades de adaptabilidade e resistência, características que também simbolizam a força das famílias homenageadas e sua capacidade de superação diante de desafios. Todos esses fatores fizeram da craibeira uma escolha ideal para representar tanto o primeiro modelo físico do projeto, assim como seu projeto gráfico.

O desenvolvimento dos elementos gráficos se iniciou diretamente com ilustrações produzidas digitalmente, apresentando elementos que traduzissem os itens no *Moodboard*. As ilustrações para identidade visual do projeto têm o objetivo de

sintetizar as nuances delicadas da flor da craibeira, destacando sua leveza, em formas orgânicas (Figura 53).

Figura 53 | Elementos desenvolvidos para a identidade visual do projeto.



Fonte: (AUTORA, 2024).

A paleta de cores (Figura 54) foi definida a partir dos principais tons apresentados nas ilustrações feitas anteriormente. O uso de diferentes tons, da cor amarelo, foi um critério pré-estabelecido para garantir que o produto passasse a sensação de calma e leveza, sem o impacto energético do amarelo mais vibrante. São cores associadas ao calor suave, evocando acolhimento e tranquilidade, afastando-se, ao mesmo tempo, de cores fúnebres.

Figura 54 | Paleta de cores desenvolvida para a identidade visual do projeto.



Fonte: (AUTORA, 2024).

Como parte da criação da identidade visual do artefato, estampas foram desenvolvidas para futuras aplicações, como mostra a Figura 55 a seguir.

Figura 55 | Estampas desenvolvidas para a identidade visual do projeto.



Fonte: (AUTORA, 2024).

Por último, foi elaborado um logotipo exclusivo para a identidade visual do projeto (Figura 56), cuidadosamente construído com tipografias específicas. O design do logotipo foi orientado por dois pilares principais: a legibilidade, para garantir que a mensagem fosse clara e acessível, e a expressão conceitual, com o objetivo de traduzir visualmente os valores do projeto, como acolhimento, respeito e homenagem. A escolha tipográfica buscou equilibrar traços delicados e minimalistas, transmitindo uma sensação de serenidade e sofisticação, então foram escolhidas as fontes “Brigend Signature” e “SF Pro Display”. Além disso, a paleta de cores junto aos ícones desenvolvidos anteriormente, foram aplicados ao logotipo, contribuindo para uma identidade visual coesa e concisa.

Figura 56 | Logotipo desenvolvida para a identidade visual do projeto.



Fonte: (AUTORA, 2024).

Retornando para o restante dos itens internos do artefato, para a confecção da vela, foi realizada uma pesquisa de mercado considerando diversos fatores essenciais, como o formato, o tipo de material e a funcionalidade do objeto. A pesquisa levou em conta que a vela seria transportada e, posteriormente, exposta a temperaturas elevadas quando acesa, além de exigir uma boa apresentação estética. Foi apontado que existem várias opções no mercado para velas, tanto em termos de materiais quanto de apresentações. As alternativas incluem velas sem embalagem, com embalagem de vidro ou cerâmica, com ou sem tampa, com ou sem rótulo, além de opções entre velas perfumadas ou sem fragrâncias. Foi possível criar um painel imagético com as referências encontradas (Figura 57).

Figura 57 | Referências de velas.



Fonte: (ACERVO DA AUTORA, 2024).

A partir desses modelos, algumas características em comum puderam ser levantadas, como:

- (a) Design minimalista;
- (b) Tons neutros e suaves;
- (c) Uso de fontes simples ou cursivas que remetem à delicadeza;
- (d) Impressões;
- (e) Acessórios.

A partir desses pontos em comum, a primeira alternativa (Figura 58) começou a ser desenvolvida, desenvolvendo-se o recipiente artesanalmente, a partir de garrafas de vidro reaproveitadas,² e utilizando-se tábuas de madeira para produzir a tampa. A ideia de reutilizar materiais visava agregar ao produto uma característica sustentável, reforçando seu apelo ecológico. No entanto, durante os estudos sobre os tipos de vidro e suas propriedades, descobriu-se que, para o uso em velas, o ideal seria o vidro borossilicato. Esse tipo específico de vidro, amplamente utilizado no mercado, é conhecido por sua alta resistência a temperaturas elevadas e choques térmicos. Assim, o modelo inicial e sua abordagem foram descartados em favor de uma solução mais segura e funcional.

² A possibilidade de se buscar desenvolver o recipiente de vidro para a vela de forma artesanal se deu em razão da experiência da autora como integrante do projeto Vivências Artísticas, orientado pela professora Juliana Donato (Curso de Design UFAL). Assim, além dos conhecimentos adquiridos relacionados a reutilização de resíduos de vidro em novos produtos, a autora teve acesso ao maquinário e outros instrumentos (como o forno industrial), adequado ao uso proposto.

Figura 58 | Desenvolvimento de recipiente para a vela.



Fonte: (ACERVO DA AUTORA, 2024).

O próximo passo foi realizar uma pesquisa de mercado para encontrar recipientes de vidro borossilicato nos formatos desejados, buscando opções que se aproximassem ao máximo das dimensões da primeira alternativa descartada. Entre todas as opções propostas, o recipiente que melhor atendeu às características desejadas foi o modelo mostrado na Figura 59. Com o recipiente definido, a produção da vela foi iniciada e, posteriormente, concluída.

Figura 59 | Recipiente de vidro borossilicato e confecção da vela, respectivamente.



Fonte: (ACERVO DA AUTORA, 2024)

Para adicionar um toque personalizado e manter a unidade visual do kit, foi adicionado, ao recipiente da vela, um adesivo (Figura 60), desenvolvido junto a

identidade visual e alinhado ao conceito do produto. Esse adesivo contou com um espaço dedicado ao nome do homenageado, reforçando o caráter simbólico e emocional do item.

Figura 60 | Adesivo desenvolvido para a vela e a vela pronta, respectivamente.



Fonte: (ACERVO DA AUTORA, 2024).

Dando continuidade ao desenvolvimento dos últimos itens internos da embalagem, uma carta de condolências foi elaborada com base em referências existentes, algumas alinhadas à função principal deste trabalho – ajudar o enlutado a prepara suas homenagens para o dia da cerimônia –, enquanto outras, apesar de

terem finalidades específicas, contribuíram significativamente para o aprimoramento gráfico do material. A partir dessa pesquisa, foram selecionadas as referências abaixo (Tabela 13):

Tabela 13 | Referências de cartas de condolências.



Fonte: (ACERVO DA AUTORA, 2024).

A partir dessas referências, e em conjunto a identidade gráfica desenvolvida para este projeto, foi possível criar a carta de condolências mostrada abaixo (Figura 61):

Figura 61 | Carta de condolências desenvolvida para o projeto.



Fonte: (ACERVO DA AUTORA, 2024).

Para acompanhar a carta de condolências, foi incluída uma caneta (Figura 62) que foi cuidadosamente escolhida para integrar-se à proposta visual dos outros tens do projeto. A caneta possui uma forma simples e refinada, com acabamento discreto e uma cor alinhada à identidade visual do projeto. A escolha desse objeto buscou transmitir a mesma atenção aos detalhes apresentados em todos os artefatos, elevando a experiência simbólica e funcional do conjunto.

Figura 62 | Caneta escolhida para o projeto.



Fonte: (ACERVO DA AUTORA, 2024).

Além disso, para organizar e proteger a carta de condolências e o cartão memorial dentro da embalagem de contenção, foi desenvolvido um envelope (Figura 63) simples e minimalista, mantendo a coerência estética com os demais itens. O fechamento foi concebido com um selo de cera derretida, conferindo um toque artesanal e simbólico ao envelope. Essa solução garante que os elementos se

mantenham seguros e, ao mesmo tempo, reforcem o cuidado e o respeito apresentados na proposta dos artefatos.

Figura 63 | Envelope usado no artefato.



Fonte: (ACERVO DA AUTORA, 2024).

Após o desenvolvimento cuidadoso de cada item interno, com atenção aos detalhes e alinhamento ao conceito emocional e simbólico do projeto, foi necessário planejar as embalagens que os acomodariam. Esse processo envolveu tanto a criação de embalagens de contenção, responsáveis por proteger e organizar os itens individualmente, quanto à embalagem de transporte, projetada para garantir segurança e funcionalidade, com uma apresentação estética consistente.

Após a definição de todos os objetos internos, com suas dimensões e formatos previamente estabelecidos, a próxima etapa foi a escolha da embalagem de contenção.

fornecer um momento de atenção e instrução para os familiares, alinhando o conteúdo ao tom respeitoso e sensível do projeto.

Figura 65 | Release desenvolvido para o artefato.



Fonte: (AUTORA, 2024).

Posteriormente, outros objetos complementares foram desenvolvidos: as tags (Figura 66) que acompanham os objetos internos, dando breve instrução sobre os seus respectivos usos; e o papel manteiga personalizado (Figura 67), que tinha tanto a função de proteger os objetos internos, evitando atritos, danos ou contato direto com a embalagem de contenção, como de agregar valor à experiência dos familiares, reforçando a identidade visual do projeto; e

Figura 66 | Tags desenvolvidas para o artefato.



Fonte: (AUTORA, 2024).

Figura 67 | Papel manteiga estampado desenvolvido para o projeto.



Fonte: (AUTORA, 2024).

Já a embalagem de transporte foi cuidadosamente escolhida para complementar o conceito geral do projeto, optando-se por uma ecobag. Esse tipo de embalagem foi selecionada por refletir a simplicidade e sutileza que permeiam o projeto como um todo. Além disso, sua estética discreta e natural reforça a sobriedade e o cuidado transmitidos em todas as etapas do desenvolvimento dos artefatos, proporcionando uma experiência harmônica e de respeito para com os familiares.

Para o desenvolvimento da caixa tipo livro e da ecobag, foi essencial buscar gráficas especializadas, capazes de executar esses itens com o cuidado técnico

necessário. O resultado final (Figura 68 e 69) reflete um equilíbrio entre qualidade técnica e identidade visual, oferecendo embalagens que reforçam o caráter sofisticado, respeitoso e harmonioso do projeto como um todo.

Figura 68 | Embalagem de contenção desenvolvida para o artefato.



Fonte: (AUTORA, 2024).

Figura 69 | Ecobag estampada desenvolvida para o projeto.



Fonte: (AUTORA, 2024).

Dadas todas as especificações do artefato, foi realizada a previsão de orçamento para a elaboração de um protótipo de alta fidelidade da embalagem (Tabela 14). O orçamento garantiu uma margem de previsão para execução da embalagem, considerando que, se executado em maior quantidade, há possibilidade de redução dos valores apresentados.

Tabela 14 | Custos da embalagem desenvolvida.

ITEM	PREÇO	ESPECIFICAÇÃO
Ecobag com sublimação	30,00	30x45cm, algodão cru
Caixa cartonada tipo livro com fechamento magnético e berço interno	60,00	19x21,5x9, Papel holler, papel color plus e imã
Porta-vela	14,00	6,5x9cm com 235ml, vidro e madeira de bambu
Vela de cera branca	10,00	Cera natural
Caneta dourada cis alfa 1.0	4,00	Plástico, ponta de 1mm, tinta dourada
Chaveiro com sementes resinadas	21,90	Diâmetro de 5cm, metal, resina cristal e sementes
Envelope	0,50	Papel
Elástico metalizado dourado para tags	1,00	Poliéster e elástico, 1m
Selo de cera dourada	22,00	Cera para selo, cor dourada
Impressos: papel manteiga, carta de condolências, cartão memorial, adesivos e tags	12,00	Papel
TOTAL POR UNIDADE: 175,40		

Fonte: (AUTORA, 2024).

Mais detalhes do artefato “Tributo à Vida” desenvolvido neste trabalho, podem ser vistos nas Figuras 70, 71, 72, 73, 74, 75 e 76.

Figura 70 | Caixa de contenção aberta com release e papel manteiga de proteção expostos.



Fonte: (AUTORA, 2024).

Figura 71 | Release desenvolvida para o projeto.



Fonte: (AUTORA, 2024).

Figura 72 | Caixa de contenção aberta com envelope a mostra.



Fonte: (AUTORA, 2024).

Figura 73 | Caixa de contenção aberta com objetos internos a mostra.



Fonte: (AUTORA, 2024).

Figura 74 | Detalhes dos objetos internos do artefato.



Fonte: (AUTORA, 2024).

Figura 75 | Detalhes dos objetos internos do artefato.



Fonte: (AUTORA, 2024).

Figura 76 | Detalhes do artefato.



Fonte: (AUTORA, 2024).

Figura 76 | Detalhes do artefato.



Fonte: (AUTORA, 2024).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou integrar design de embalagem e comunicação emocional, desenvolvendo um artefato capaz de conectar a Universidade Federal de Alagoas (UFAL) aos familiares das vítimas homenageadas pelo projeto "Bosque em Defesa da Vida". Durante a pesquisa, os dados levantados se mostraram fundamentais para embasar teoricamente o desenvolvimento do projeto e garantir que ele estivesse alinhado às necessidades práticas e simbólicas do público-alvo. Uma revisão da literatura sobre design de embalagem, rituais, memória e luto, aliada ao estudo detalhado dos materiais, formatos e processos de fabricação, foram importantes para a criação de um produto adequado e funcional, que trouxesse sensibilidade e profundidade ao projeto.

A metodologia escolhida, que incluiu etapas estruturadas como levantamento bibliográfico, análise de referências e entrevistas com familiares, mostrou-se assertiva, tornando o desenvolvimento do trabalho mais ágil e coerente com os objetivos propostos. Esse planejamento evitou a necessidade de revisitar etapas concluídas, permitindo que o foco permanecesse na qualidade e na funcionalidade dos artefatos. Além disso, o contato direto com os familiares foi uma etapa enriquecedora, oferecendo insights valiosos para adequar o projeto às necessidades emocionais e práticas do público.

Apesar disso, nem todos os aspectos do processo foram abrangentes. O contato com os familiares, embora relevante, poderia ter sido ampliado, tanto em quantidade quanto em profundidade. A delicadeza do tema abordado tornou difícil o envolvimento de algumas famílias, já que nem todos os familiares se sentiram confortáveis para participar das entrevistas ou compartilhar suas experiências. Essa limitação, no entanto, reforça a importância de tratar o tema com respeito e cuidado, valores que permeiam todo o trabalho.

O desenvolvimento deste projeto contribui de forma significativa tanto para o campo do design de embalagem quanto para o fortalecimento do projeto "Bosque em Defesa da Vida". Para o design de embalagem, uma revisão detalhada dos materiais e processos, ilustrada com gráficos e figuras, oferece uma referência útil para outros estudos ou projetos na área, ampliando o conhecimento técnico disponível. No contexto do bosque, os projetos propostos servem como inspiração e base para projetos complementares em andamento, como a identidade visual e a urbanização do espaço memorial, além de oferecer diretrizes para iniciativas futuras relacionadas ao projeto.

Em resumo, este trabalho não apenas cumpriu seu objetivo de criar um artefato comunicacional sensível e funcional, mas também deixou uma contribuição relevante para o campo acadêmico e social. Ele reforça a importância do design como ferramenta de conexão e comunicação, especialmente em contextos que desbloqueiam cuidado, sensibilidade e empatia.

7. REFERÊNCIAS

ALVES, Fernanda. Um novo adeus: plantio de árvores até 'santinho virtual', conheça diferentes formas de homenagear os mortos. *O Globo*, Rio de Janeiro, abr. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2024/04/28/um-novo-adeus-do-plantio-de-arvore-ate-santinho-virtual-conheca-formas-diferentes-de-homenagear-os-mortos.ghtml>. Acesso em: 24 nov. 2024.

Always with us: A violência continua, mas em lugares diferentes. *The Economist*, Alagoas, jun. 2011. Disponível em: <https://www.economist.com/the-americas/2011/06/09/always-with-us>. Acesso em: 24 nov. 2024.

BORJA DE MOZOTA, Brigitte. *Gestão de design: usando design para construir valor e inovação corporativa*. Nova York: Allworth Press, 2003.

BOFF, Leonardo. A importância da espiritualidade para a saúde. [SI]: Vozes, 2013. Disponível em: <https://leonardoboff.wordpress.com/2013/11/16/a-importancia-da-espiritualidade-para-a-saude/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

BORDONAL, Guilherme Cantieri; SANCHES, Wilson; SILVA, Thiago Rodrigo da; FABRÍCIO, Edson Lucas. *Povo, cultura e religião*. ABDR, 2014.

O Brasil bate marca de 4 mil mortes por Covid registradas em um dia pela 1ª vez e soma 337,6 mil na pandemia. *G1*, abr. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/04/06/brasil-bate-marca-de-4-mil-mortes-por-covid-registrados-em-um-dia-e-soma-3376-mil-na-pandemia.ghtml>. Acesso em: 24 nov. 2024.

CARDOSO, Arlindo da Silva. *O olhar antropológico do designer: uma abordagem simbólica das benzedeiros de Maceió-AL*. Maceió, 2017.

CAVALCANTI, Pedro; CHAGAS, Carmo. *História da embalagem no Brasil*. São Paulo: Grifo Projetos Históricos e Editoriais, 2006.

CREPALDI, MA; SCHMIDT, B.; NOAL, D. da S.; BOLZE, SDA; GABARRA, LM Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. *Estudos de Psicologia*, v. 37, 2023. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/estpsi/article/view/7352>. Acesso em: 24 nov. 2024.

DAMAZIO, Valter; MONTALVÃO, Cláudia (Org.). *Design, ergonomia, emoção*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad X, 2008.

Perigo em Alagoas. 2011. 1 gráfico. Disponível em: <https://www.economist.com/the-americas/2011/06/09/always-with-us>. Acesso em: 24 nov. 2024.

FREITAS, João Luiz. Luto, pathos e clínica: uma leitura fenomenológica. *Psicologia*

USP, v. 1, São Paulo, jan. 2018, pág. 50-57. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642018000100050&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 out. 2020.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

GIACOIA, João Orestes. A visão da morte ao longo do tempo. Disponível em: http://www.fmrp.usp.br/resvista/2005/vol38n1/1_a_visao_morte_longo_tempo. Acesso em: 24 nov. 2024.

GURGEL, Floriano do Amaral. *Administração da embalagem*. São Paulo: Thomson, 2007.

IMBER-BLACK, Elizabeth. Os rituais e o processo de elaboração. In: WALSH, F.; MCGOLDRICK, M. *Morte na família: sobrevivendo às perdas*. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 229-245.

KOVÁCS, Maria Júlia. Espiritualidade e psicologia: cuidados compartilhados. *O mundo da saúde*, v. 31, n. 2, pág. 246-255, 2007. Disponível em: http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/53/12_Espiritualidade. Acesso em: 25 nov. 2024.

LEAKEY, Ricardo. *A origem da espécie humana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

LUNA, Lenilda. Quebra do Xangô: pesquisadores avaliam a intolerância religiosa. *UFAL*, 2012. Disponível em: <https://noticias.ufal.br/ufal/noticias/2012/01/quebra-do-xango-pesquisadores-avaliam-a-intolerancia-religiosa>. Acesso em: 25 nov. 2024.

MENEZES, Leilane. Tatuagem ajuda a ritualizar o luto nos tempos atuais, diz psicanalista. *Metrópolis*, 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/tatuagem-ajuda-a-ritualizar-o-luto-nos-tempos-atuais-diz-psicanalista/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

MESTRINER, Fábio. *Design de embalagem: curso básico*. 2. ed. São Paulo: Makron Livros, 2002.

MESTRINER, Fábio. *Gestão Estratégica da Embalagem*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MESTRINER, Fábio. *Inovação na embalagem*. São Paulo: M. Livros, 2018.

MESTRINER, Maria Lúcia. *O Estado entre a filantropia e a assistência social*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

Missa funebre católica em uma igreja. França, 2016. 1 Figura. Disponível em: <https://www.alamy.com/stock-image-catholic-funeral-mass-in-a-church-france-166353638.html>. Acesso em: 24 nov. 2024.

MOURA, R. *Armazenagem: do recebimento à expedição*. São Paulo: IMAM, 1997.

NEGRÃO, Celso; CAMARGO, Eleida. *Design de embalagem: do marketing à produção*. São Paulo: Novacec, 2008.

Número de homicídios no Brasil (1980-2007). Escritório das Nações Unidas, 2007. Disponível em: https://www.unodc.org/documents/lpo-brazil/Topics_crime/Dados/Numero_e_taxa_de_homicidios_no_Brasil_PT.pdf. Acesso em: 25 nov. 2024.

PARO, Bárbara; GARCIA, Greta; BOTARO, Luís. Morte na era digital: como empresas de tecnologia dão novos sentidos ao luto. *Com Ciência*, jul. 2022. Disponível em: <https://www.comciencia.br/morte-na-era-digital-como-empresas-de-tecnologia-dao-novos-sentidos-ao-luto/>. Acesso em: 24 nov. 2024.

População residente por região. 2010. 1tabela. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137#resultado>. Acesso em: 24 nov. 2024.

Procedimentos em velório - recomendações aos familiares e amigos que ficam. 2017. 1 Figura. Disponível em: <https://www.mensagemespirita.com.br/md/ad/procedimentos-em-velorio-recomendacoes-aos-familiares-e-amigos-que-ficam>. Acesso em: 24 nov. 2024.

Schilindwein, R. Aspectos psicológicos da terminalidade do luto e do morrer. *Revista Científica em Psicologia*, v. 1, pág. 19-30, 2001.

Stroebe, M.; Hansson, R. *Manual de luto: teoria, pesquisa e intervenção*. Cambridge: University Press, 1993.

TADA, Ivani Noronha Capellini; KOVÁCS, Maria Júlia. Conversando sobre a morte e o morrer na área da deficiência. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 1, pág. 120-131, mar. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 28 atrás. 2020.

Turner, Victor. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

VIDALES GIOVANNETTI, Maria Dolores. *O mundo da embalagem: manual para o design e produção de embalagens e embalagens*. México: Azcapotzalco: G. Gili, 2003.

WASELFISZ, Júlio Jacobo. *Mapa da violência: homicídios e juventude no Brasil*. CEBELA, 2013. Disponível em: https://flacso.org.br/files/2020/03/mapa2013_homicidios_juventude.pdf. Acesso em: 25 nov. 2024.

WORDEN, JW *Aconselhamento do luto e terapia do luto*. 4.ed. Curitiba: Grupo Gen, 2013.

Worden, JW *Aconselhamento e terapia do luto*. Londres; Nova York: Tavistock Publications, 1983.

